

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

STEPHANIE VIEIRA

**O SITE “DIBRADORAS” COMO MÍDIA DE RESISTÊNCIA AO PRECONCEITO
MACHISTA NO ESPORTE**

São Borja

2018

STEPHANIE VIEIRA

**O SITE “DIBRADORAS” COMO MÍDIA DE RESISTÊNCIA AO PRECONCEITO
MACHISTA NO ESPORTE**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA- SÃO BORJA.

Orientador: Prof. Dr Cesar André Luiz Beras

São Borja

2018

STEPHANIE VIEIRA

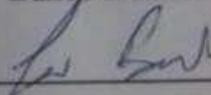
O SITE "DIBRADORAS" COMO MÍDIA DE RESISTÊNCIA AO
PRECONCEITO MACHISTA NO ESPORTE

Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo, pela Universidade Federal do
Pampa- UNIPAMPA.

Orientador: Profe. Dr Cesar André Luiz Beras

Trabalho de conclusão de curso defendido em: 04/12/18

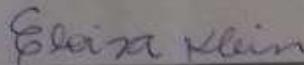
Banca Examinadora:



Profe.Dr: Cesar André Luiz Beras

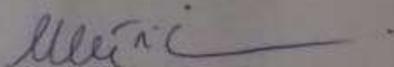
Orientador

Unipampa



Profa.Dra: Eloisa Klein

Unipampa



Profe. Me. Livia Freo Saggin

Unipampa

São Borja

2018

A minha mãe Ana Cristina Vieira que me ensinou a ser uma mulher forte e que acreditou em mim até o fim e ao meu pai Gilberto da Veiga Vieira por todo o suporte e amor dedicados desde o meu nascimento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado condições e serenidade de chegar até aqui.

À minha mãe Ana Cristina Vieira que me inspira a ser uma mulher forte e a lutar pelos meus ideais até o fim. Ao meu pai Gilberto da Veiga Vieira por ter me passado o gosto pelo esporte e por ser um homem com princípios que admiro tanto. Obrigada por tudo, eu amo vocês.

Ao meu namorado Douglas Ledesma por entender a minha ausência e por suportar todo o estresse gerado desta etapa comigo, por ser meu ombro e escape nos momentos difíceis.

À minha irmã Scarlett Vieira por todo suporte e por ter passado suas experiências para mim e ao meu irmão Pedro Henrique Vieira por ser uma criança tão iluminada e inteligente que me faz ter esperanças no futuro da sociedade. À minha sobrinha Sophia Vieira Rodrigues por ter me dado momentos de alegrias em meio a uma rotina estressante, com um simples sorriso.

À minha tia Daiane Naiara Vaz por sempre ter uma palavra de consolo e de motivação

À minha amiga Andrea Medeiros, por ter vivido comigo todos os momentos de angústias e por ter amenizado os momentos de tensão com a sua alegria.

E por último, ao meu orientador César Beras por ter acreditado em mim quando eu mesma achava que não era capaz, e por ter passado todos os conhecimentos sobre essa sociedade que vive cercada de preconceitos e estigmas.

*A humanidade sempre teve medo de mulheres que voam. Seja elas bruxas, sejam elas
livres.*

*Chamam de rebeldes aquelas que gritam contra a opressão.
Chamam de putas aquelas que descobriram a liberdade de se amarem.*

Arthur Diogo

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a afirmação do site esportivo “Dibradoras” como uma mídia de resistência ao preconceito machista. Para respondermos se ele é uma mídia resistência usaremos duas hipóteses que nos nortearão no percurso deste trabalho e de nosso raciocínio lógico. Sendo assim, explanaremos tudo o que envolve este preconceito e o sistema patriarcal. Para isso, usaremos duas metodologias que serão a bibliográfica e a quantitativa para explicarmos o contexto histórico do machismo e suas formas de resistência. Usaremos a pesquisa quantitativa em forma de questionário Google Docs, onde foi aplicada no facebook da marca para que as mulheres que acessam o site pudessem responder as seguintes perguntas confirmando ou não nossas hipóteses.

Palavras-chave: Patriarcalismo; Preconceito machista; Feminismo; Mídia de resistência; Mulheres no esporte.

ABSTRACT

The present study has as an objective the affirmation of the sports site "Dibradoras" (Dribblers) as a resistance media against sexist prejudice. Therefore, we will use two hypotheses that will guide during the development of this paper and of our logical reasoning. Thus, we will explain everything that involves this prejudice and this patriarchal system.

To that end, our methodology will be the bibliographical one to explain the historical context of sexism and the forms of resistance that make the counterpoint to it. For the affirmation of the site as a resistance media, we will use the quantitative research in the form of a Google Docs questionnaire, which was applied on the Facebook page of the brand so that the women who access the site could answer the following questions, confirming or not our hypotheses.

Key-words: Patriarchy ; Sexist prejudice ; Feminism ; Resistance media ;Women in sports.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mapa conceitual hipótese	
1.....	13
Tabela 2 - Mapa conceitual hipótese	
2.....	14
Tabela 3 - Como você define o site	
dibradoras?.....	55
Tabela 4 – Como você vê a motivação para denúncias de abuso e	
agressões que o site “Dibradoras” busca	
promover.....	56
Tabela 5 – Como você acha que o site “Dibradoras” demonstra que é	
um site especializado na luta contra o machismo?.....	57
Tabela 6 – O site agrega quanto à identidade feminina?.....	59
Tabela 7 – Como é o tratamento do site para mulheres que gostam da	
área esportiva?.....	60
Tabela 8- Como as publicações efetivam o reconhecimento do gênero	
feminino?.....	61
Tabela 9- Para você qual o foco das publicações do site	
“Dibradoras”?.....	62
Tabela 10- O site estimula você a acompanhar o esporte	
feminino?.....	63
Tabela 11- Qual sua opinião sobre campanhas e eventos que	
o site “Dibradoras” promovem?.....	64
Tabela 12- Como o site trata a opressão profissional que as	
Mulheres sofrem?.....	65
Tabela 13- Como você define a visibilidade a atletas e	
Jornalistas que o site “Dibradoras” pretende dar?.....	66

SUMÁRIO

1. A Afirmação da Identidade de gênero feminino e a Dominação patriarcal machista.....	12
1.1.O patriarcalismo e como a sociedade ainda se baseia como modelo ideal para seguir.....	13
1.2. O Movimento feminista e a resistência ao machismo.....	23
2 - A Resistência a partir da visibilidade a atletas e Jornalistas.....	28
3. Pesquisando o site Dibradoras: Verificando a luta pela resistência ao preconceito machista e pela visibilidade profissional.....	44
3.1 Problema de hipóteses.....	44
3.2.Metodologia.....	47
3.3 Descrição do objeto.....	47
3.4. Técnicas de pesquisa.....	47
3.5. Pesquisa quantitativa.....	47
3.6 Pesquisa bibliográfica.....	49
4. Analisando a pesquisa.....	52
4.1.1Bloco1.....	54
4.1.2 Bloco2.....	58
4.1.3 Bloco 3.....	61
4.1.4 Bloco 4.....	64
5. Considerações finais.....	68

INTRODUÇÃO

Nosso problema de pesquisa se constitui na seguinte pergunta “Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática? Um site esportivo que faz contraponto ao preconceito machista no esporte e todo o estranhamento que a sociedade ainda tem referente a mulher no âmbito esportivo. E que o conhecemos através de muitas pesquisas referente as mulheres no esporte. Conhecemos o site porque tínhamos o intuito de verificar em como as mídias estão dando o tratamento para as mulheres no esporte.

Este problema de pesquisa nos gerou duas questões hipotéticas, a primeira como “A afirmação da identidade de gênero feminina” e a segunda questão hipotética referente a “Visibilidade a atletas e jornalistas.”

Com isso realizemos a pesquisa bibliográfica para conceitualizarmos o preconceito machista e sua inserção na sociedade, as formas de resistência que este sistema propõe e necessita e como o patriarcalismo surge na área esportiva.

Para afirmar se o site esportivo “Dibradoras” é um site que se faz resistência ao preconceito machista, elaboramos uma pesquisa quantitativa, em forma de formulário google docs que buscou analisar a recepção e como as mulheres que acessam o site o percebem e para que finalidade acessam o site e que foi aplicada no Facebook da marca.

Em nosso primeiro capítulo abordaremos como primeiro elemento constitutivo: O patriarcalismo e como a sociedade ainda se baseia como modelo ideal para seguir, possuindo os seguintes aspectos:

Aspecto 1: Patriarcalismo e sua reprodução que gera violência contra a mulher;
Aspecto 2: Religião e o pai como soberano que possui controle do corpo e gera a submissão feminina;

Aspecto 3: Divisão sexual do trabalho e Casamento.

E no segundo elemento constitutivo deste capítulo possui os seguintes aspectos:

Aspecto 1: Movimento social de resistência ao machismo e patriarcalismo
Aspecto 2 – Conquistas das mulheres através do feminismo

Já no Segundo capítulo deste trabalho tendo o seu primeiro elemento constitutivo: Estereótipos e Machismo no esporte com os seguintes aspectos.

Aspecto 1: Mulheres impedidas por lei da prática esportiva

Aspecto 2: Educação física como divisor de meninas e meninos no esporte e seu reflexo nos espaços da sociedade.

Em nosso segundo elemento constitutivo deste capítulo tem como segundo Elemento a Baixa visibilidade midiática da mulher no esporte, possuindo os seguintes aspectos:

Aspecto 1: Pouca cobertura esportiva de competições femininas

Aspecto 2: Falta de visibilidade que elas possuem na mídia x espaços que ainda são poucos

Aspecto 3: Oportunidades de visibilidade, espaço e patrocínio que as mulheres lutam para adquirirem.

Em nossa pesquisa qualitativa em forma de formulário no google docs, elaboramos 12 questões relacionadas com nossas questões hipotéticas divididas em quatro bloco, sendo ele o primeiro relacionado com nossa primeira hipótese “Afirmção da identidade de gênero feminino” e “Site especializado de lutas contra abusos e agressões geradas pelo preconceito machista, nosso segundo bloco também relacionado com a nossa primeira hipótese e com o “Reconhecimento enquanto mulher”. Nosso terceiro bloco relacionado com nossa segunda hipótese “Visibilidade a atletas e jornalistas” e “Indagação quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões.” Nosso quarto e último bloco também foi baseado em nossa segunda hipótese como mencionada anteriormente relacionada com a “Visibilidade contra a opressão profissional.”

Para nos guiarmos no percurso deste trabalho elaboramos dois mapas conceituais relacionados com cada capítulo onde parte do problema “Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?” constituindo a primeira hipótese “Afirmção da identidade feminina” e “Visibilidade a atletas e jornalistas” e dessas hipóteses elaboramos elementos constitutivos e aspectos para respondermos as hipóteses. Onde vamos retomar durante todo o trabalho, que servirá como bussola para nos nortermos na caminhada desta para entendermos esta monografia.

Quadro de hipóteses:

MAPA CONCEITUAL STEPHANIE

PROBLEMA DE PESQUISA
Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?
Hipótese 1- Afirmação da identidade de gênero feminino
FATOR 1
Como o site “Dibradoras” se torna um site como espaço especializado que contribui com as lutas das mulheres contra abusos e agressões
ELEMENTOS CONSTITUTIVOS
<p>1) <u>O patriarcalismo e como a sociedade ainda se baseia como modelo ideal para seguir</u></p> <p>Aspecto 1: Patriarcalismo e sua reprodução que gera violência contra a mulher</p> <p>Aspecto 2: Religião e o pai como soberano que possui controle do corpo e gera a submissão feminina</p> <p>Aspecto 3: Divisão sexual do trabalho e Casamento</p>
<p>2) <u>O Movimento feminista e a resistência ao machismo</u></p> <p>Aspecto 1: Movimento social de resistência ao machismo e patriarcalismo</p> <p>Aspecto 2 – Conquistas das mulheres através do feminismo</p>

MAPA CONCEITUAL STEPHANIE
PROBLEMA DE PESQUISA
Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?
Hipótese 2- Visibilidade a atletas e jornalistas
FATOR 2

Indagação quanto à falta de patrocínio, falta estímulo, desigualdade salarial via campanhas/

Reuniões

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

Elemento 1: Estereótipos e Machismo no esporte

Aspecto 1: Mulheres impedidas por lei da prática esportiva

Aspecto 2: Educação física como divisor de meninas e meninos no esporte e seu reflexo nos espaços da sociedade

Elemento 2: Baixa visibilidade midiática da mulher no esporte:

Aspecto 1: Pouca cobertura esportiva de competições femininas

Aspecto 2: Falta de visibilidade que elas possuem na mídia x espaços que ainda são poucos

Aspecto 3: Oportunidades de visibilidade, espaço e patrocínio que as mulheres lutam para adquirirem

Elemento 3: Mulheres no jornalismo esportivo:

Aspecto 1: Mulheres jornalistas que são minoria em mesas redondas e pautas esportivas

Aspecto 2: Abusos e agressões que as jornalistas sofrem em uma editoria masculina e machista

1. A Afirmação da Identidade de gênero feminino e a Dominação Patriarcal

Para iniciarmos esta análise, partiremos do problema de pesquisa “Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?” que foi elaborado como base principal desta pesquisa e servirá para guiar o percurso deste trabalho. Para respondermos o problema de pesquisa foram elaboradas duas hipóteses, que expõem elementos que correspondem o nosso problema e que vão ao encontro de seu raciocínio lógico.

Neste capítulo vamos discutir a partir da metodologia da pesquisa bibliográfica a primeira hipótese. Para a análise do primeiro capítulo elaboramos o primeiro fator que é como o site “Dibradoras” se torna um site como espaço especializado que contribui com as lutas das mulheres contra abusos e agressões. Surgindo uma hipótese que é a “Afirmação da identidade de gênero feminino” que visa compreendermos como as mulheres a constituíram de acordo com os anos e como deixaram da posição submissa para a empoderada, quebrando barreiras e tabus acerca de sua personalidade. Portanto a partir desta hipótese, elaboramos elementos constitutivos que nos nortearam para respondermos nossa discussão hipotética. Possuindo dois elementos constitutivos, sendo o primeiro deles o patriarcalismo e como a sociedade ainda se baseia como modelo ideal para seguir e o segundo o Movimento feminista e a resistência ao machismo.

1.1.O patriarcalismo e como a sociedade ainda se baseia como modelo ideal para seguir

Nosso elemento constitutivos possui três aspectos. Tendo o seu primeiro aspecto: O patriarcalismo e sua reprodução gerando a violência contra a mulher. Neste aspecto buscamos retomar todo o contexto histórico do patriarcado e da família patriarcal que era modelo para a sociedade se basear nas suas atitudes e julgamentos e que se não acatados pelas mulheres gerava a violência doméstica e muitas vezes a sexual, pois o homem trata a mulher como ser que tem que estar sempre a disposição para as relações sexuais, pois ele é seu marido e isto se torna uma obrigatoriedade para o patriarcado.

O patriarcalismo tem como regime, determinando lugares onde a mulher deve ou não se inserir, impondo a mulher posturas ditadas como o ideal. Regime esse que desde a sua inserção na sociedade cria regras, comportamentos e padrões no que diz respeito ao sexo feminino e que está culturalmente enraizado e sendo repetido em nossa sociedade por gerações.

Assim o patriarcalismo tornava a mulher submissa, fazendo com que ela não seja dona do seu próprio pensamento ou não seja um ser autônomo de suas vontades e desejos, anulando as suas decisões. A exemplo disso é a imposição de que a mulher deve sempre obedecer sem hesitar ao homem, restringindo-a das coisas do mundo, crendo que é um ser dependente, tornando a afirmação da sua identidade baseada em regras que este sistema determina.

A mulher era tida cada dia mais como dependente financeiramente e psicologicamente do homem. Financeiramente, pois era impedida de trabalhar e fazer quaisquer tarefas que rendesse lucros, porque ia contra a honra do homem e da família patriarcal e psicologicamente pois era pressionada a acreditar que dependia do homem totalmente para reger sua vida e tomar decisões, o que fazia com que a mulher se reconhecesse como identidade femininasubmissa e inferior ao homem, pois era a maneira como ela era tratada na sociedade e reconhecida pelas pessoas. O homem tinha papel importante nas decisões da família e principalmente nas decisões da vida da mulher, somente ele poderia atribuir tarefas para as mulheres, somente o homem poderia mandar e desmandar em suas vidas. A mulher devia obediência absoluta a ele porque assim era imposto. Castells (2003) traz essa discussão

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, a legislação e a cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que tem sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. É essencial, porém, tanto do ponto de vista analítico, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sociobiológica da espécie contextualizados histórica e culturalmente. (CASTELLS, 2003:169)

Também o que busca demonstrar a dinâmica de reprodução do patriarcalismo é a violência contra a mulher que é fruto desta sociedade machista que tem suas atitudes baseadas nas regras impostas pela família patriarcal. Pois é seguindo esse regime que muitos homens acham que podem tratar a mulher com violência por sentir que ela é sua propriedade, que deve obediência e que deve sempre servi-lo reproduzindo essa visão apenas por serem mulheres caracterizando o preconceito machista. Não é apenas dentro de casa que a mulher sofre violências, ela está inserida em vários âmbitos, como em seu local de trabalho, na rua, em todos os lugares que ela vive, embora seja comum serem advindas de conflitos de relações patriarcais que ocorrem dentro do lar e praticada por seu cônjuge. Para isso Cisne e Silvana (2018) destacam que:

Entendemos, portanto, que a violência contra mulher não se limita ao ambiente doméstico, embora, seja um lugar comum de ocorrê-la, sendo comumente praticado pelo cônjuge ou ex-cônjuge, pelo pai e irmãos. O lugar supostamente seguro, idealizado como um espaço por excelência de amor, proteção, e acolhimento é, muitas vezes, lócus privilegiado da violência contra a mulher. Ao entendermos a violência contra a mulher de forma estruturante, consideramos que as dominações violência doméstica, familiar, intrafamiliar e conjugal não contemplam a caracterização da violência nesta sociedade patriarcal. Nesse mesmo sentido, consideramos que violência de gênero não explicita a condição específica da mulher como sujeito central de violações advindas de uma sociedade patriarcal perpetrada por violência. É indispensável das visibilidades aos sujeitos que estabelecem as relações de antagonismo e conflitos nas relações patriarcais, no caso, centralmente, homem em relação à mulher. (CISNE E SILVANA, 2018:69)

Muitas vezes a violência contra a mulher também se torna violência sexual, que começa dentro de casa com seus pais, pois é esse o primeiro contato que a menina tem com o sexo masculino são seus familiares. Em uma pesquisa realizada por Saffioti (2004) concluiu-se que mulheres aparecem como 90% de casos em que são vítimas de violências e homens apenas 10%, violência essas vindas de seus próprios pais. Segundo Saffioti (2004):

Na pesquisa realizada entre 1988 e 1992 (SAFFIOTI, 1992), não se encontrou um só caso de fantasia. A criança pode, e o faz, enfeitar o sucedido, mas sua base é real, isto é, foi, de fato, molestada por seu pai. Contudo, o escrito de Freud transformou-se em bíblia e a criança perdeu credibilidade. Trata-se, em sua maioria esmagadora, de mulheres, que representam cerca de 90% do universo de vítimas. Logo, os homens comparecem como vítimas em apenas 10% do total. De outra parte, as mulheres agressoras sexuais estão entre 1% e 3%, enquanto a presença masculina está entre 97% e 99%. Na pesquisa sobre abuso incestuoso, já referida, não se encontrou nenhum garoto como vítima. Por via de consequência, tampouco havia mulheres na condição de perpetradoras de abuso sexual. É preciso, contudo, pensar que pais vitimizam não apenas suas próprias filhas, como também seus filhos. (SAFFIOTI, 2004:19-20)

O Sexo masculino é violentado em apenas 10% dos casos segundo pesquisa de Saffioti, o que faz com que haja um alto índice em relação a abusos contra mulheres, o que podemos relacionar esses abusos advindos de uma sociedade fortemente machista que vê a mulher como propriedade e objeto de dominação masculina, obrigando-a seguir submissões e estar relacionada com padrões que esse sistema impõe a identidade feminina. Além de que o perfil dos agressores consta como homens e da própria família a qual a menina se encontra, como pais e padrastos e logo atrás avós, tios e primos. Saffioti (2004) declara:

Se o dado internacional é de 10% de meninos sexualmente vitimizados, pode-se concluir que, aqui, o fato ocorre, pelo menos, nesta proporção. O machismo, numa de suas facetas altamente negativas para os homens – e há muitas –, oculta estas ocorrências, em vez de fazer face a elas e implementar políticas que visem, no mínimo, a sua drástica redução. Retomando resultados da investigação mencionada, todos os agressores sexuais eram homens e, entre eles, 71,5% eram os próprios pais biológicos, vindo os padrastos em segundo lugar e bem distantes dos primeiros, ou seja, representando 11,1% do universo de agressores. Em pequenos percentuais, compareceram avós, tios, primos. (SAFFIOTI, 2004:20)

Não só as mulheres são a maiores violentadas, mas todos os agressores sexuais da pesquisa realizada por Safioti (2004) eram homens, totalizando 71,5%, desses 71,5% são os pais e padrastos e 11,1% avós, tios e primos. O sistema patriarcal é tão opressor que faz muitas vezes a mulher pensar que essas imposições estão certas, até hoje muitas mulheres pensam que são agredidas e impedidas de realizarem atividades porque a ordem das coisas é assim. Neste sentido sites e campanhas que abordam essas temáticas e as naturalizam, como fazem com o machismo advindo do sistema patriarcal se fazem importante para que cada dia mais a mulher construa a sua identidade como independente e como não submissa, para que ela e as demais pessoas tenham consciência que estão reproduzindo atitudes machistas. O site esportivo “dibradoras” tem a possibilidade de oferecer ferramentas que servem como empoderamento da mulher, afirmando a sua identidade feminina e lutando contra o machismo.

Nosso segundo aspecto é como a religião interferia na vida das famílias e conseqüentemente na da mulher, tornando o pai soberano e ainda possuindo o controle de tudo, exclusivamente o controle do corpo da mulher e como ele era soberano nas relações sociais a mulher era obrigada a submissão imposta por ele. Neste contexto a igreja católica sempre teve forte influência na vida da família e foi grande incentivadora e reprodutora do patriarcalismo, impondo sobre a família que ela seguisse padrões e as leis que segundo a igreja eram as leis de Deus.

Portanto, reforça ainda mais o machismo, pois como a igreja Católica era a única que poderia ditar as atitudes dos patriarcas, era a que mandava e desmandava na vida dos homens e responsável por fiscalizar a vida das mulheres juntamente com o homem, incentivando ainda mais a submissão. A igreja católica impunha leis para as mulheres, como viver para o lar, a obrigatoriedade da maternidade e também o sexo visto como pecado da carne e que somente poderia ser praticado para fins de procriação e que os métodos contraceptivos não poderiam ser usados.

O que fazia com que o patriarcalismo naquela época para a sociedade seja o certo a se seguir e que o preconceito machista seja naturalizado porque a igreja regia as leis da sociedade na antiguidade, e no imaginário social está imposição do homem e da igreja eram quem coordenava a sociedade. Nesse sentido se relaciona com a nossa hipótese pelo fato de que o sistema patriarcal era a autoridade do pai imposta como absoluta na vida das mulheres

(filhas ou esposas), então a imposição da igreja católica tem a ver com o fato de que Deus e os homens eram soberanos na idade medieval e que incentivava a reprodução do machismo. Nos ajudando a entendermos como se constitui e como ele está enraizado no seio da contemporaneidade.

Esses fatos comprovam que o patriarcado não surgiu de repente em nossa sociedade, mas que sim, teve um série de fatores que contribuíram para a sua consolidação, seja eles a igreja, o casamento heteronormativo associado as regras da família patriarcal e de uma família tradicional, da imposição e controle do corpo da mulher, controle da procriação e também da falta dele, a violencia contra a mulher tratada de uma forma naturalizada. Todos esses conjuntos de atitudes e imposições contribuíram e fazem o patriarcado. Nas palavras de Cisne e Silvana (2008)

O patriarcado não surgiu espontaneamente do mundo das ideias ou da cultura, mas possui uma base material e socio-histórica. Isso significa que as ideias e a cultura patriarcais são socialmente determinadas, com base em relações concretas. Dentre essas relações que dão base a estruturação do patriarcado, destacamos: 1) as relações sociais de sexo/sexualidade; 2) a constituição da família heteropatriarcal-monogâmica associada ao controle sobre a subjetividade e o corpo (e seus produtos- como controle da procriação e a criminalização do aborto) da mulher e do que é associada ao controle da procriação e a criminalização do aborto) da mulher e do que é associado ao feminino em toda sua heterogeneidade de expressão; 3) a divisão sexual e racial do trabalho; 4) a violência contra a mulher e a população LGBT. (CISNE e SILVANA, 2018:45)

Ainda o patriarcado, como mencionado anteriormente, estabeleceu um sistema em que o pai é soberano nas decisões da família, sendo somente ele a autoridade a seguir, pois culturalmente se propagou a ideia em que o sexo masculino poderia mandar e ser soberano nas decisões sociais pois se considerava o mais apto e capaz de ser a lei perante aos outros especificamente ao sexo feminino.

No sistema patriarcal, o homem representa superioridade perante aos demais e o resto da sociedade se tornava inferior, pois somente o sexo masculino é vangloriado e reconhecido como gênero supremo. Já o sexo feminino se faz acreditar no imaginário social que é insignificante, incapaz e frágil, sendo incapaz de questionar quaisquer ações ou medidas que o homem toma, tornando-os unanimidade nas relações e medidas sociais, porque era somente o homem que mandava e desmandava na sociedade.

Neste contexto podemos através de nossa hipótese demonstrar que o ser mulher e pertencer a esse gênero está relacionado com a constituição que se dá através de uma construção que baseia-se na forma de como elas próprias se enchem através de atitudes de

outrém. A identidade da mulher se reconfigure na forma que ela é tratada e na sua posição social, sendo machismo e patriarcalismo muito além de um sistema de imposições e ordens, mas sim um sistema que regem a forma de como a mulher se aceita e enxerga o seu papel social. O que muitas vezes ela mesma leva a uma subestimação de suas potencialidades referente ao seu papel desenvolvido como mulher na família e na sociedade. O homem tinha papel importante nas decisões da família e principalmente nas decisões da vida da mulher, somente ele poderia atribuir tarefas para as mulheres, somente o homem poderia mandar e desmandar em suas vidas. A mulher devia obediência absoluta ao homem porque assim era imposto. Castells (2003) traz essa discussão:

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, a legislação e a cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que tem sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. É essencial, porém, tanto do ponto de vista analítico, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sociobiológica da espécie contextualizados histórica e culturalmente. (CASTELLS, 2003:169)

Neste sentido o Sistema do Patriarcado como percebemos ainda está enraizado fortemente na sociedade, mesmo depois de muitos anos ainda vivemos em uma sociedade com traços fortes do patriarcalismo, se constituindo através do preconceito machista, por isso nota-se necessidade de resistência, elemento de nossa hipótese que quer caracterizar possíveis forma de resistência que se cria na nossa sociedade através de sites que promovem e propagam campanhas contra esse sistema que o patriarcado ainda tenta impor na atualidade. Sites esses que também incentivam atletas e jornalistas a denunciarem abusos e agressões sofridas pelo preconceito machista e quem tem se encontrado cada vez mais em expansão, já que é uma mídia alternativa e de fácil acesso social e que se contrapõe a hegemonia dominante do machismo.

O pai é tido como soberano na sociedade, pois está ancorado na religião para que assim seja considerado, tendo também o controle sobre o corpo e a sexualidade da mulher. As roupas das mulheres também eram julgadas e motivo de repreensão, somente podiam se vestir de forma que o seu corpo não chamasse atenção, e não fosse um motivo para que os outros homens e a sociedade em geral comentassem ou que ela se sobressaísse perante aos homens, pois o recato da mulher era a imposição principal que permeia o patriarcado, a forma de sentar também era julgada, o seu comportamento, seus atos com os demais, seu corpo era

questionado, como se o corpo fosse um lugar proibido e que se mostrado instigava homens, permitindo-lhes a chegarem perto, tocar, abusar. Isso novamente se caracteriza com nossa hipótese e seus aspectos patriarcais, a família é a referência do núcleo do sistema patriarcal, na qual o pai é quem tem o poder e é a referência dominante em uma família. Sobre isso Cisne e Silvana (2018):

O controle do corpo e a sexualidade, a opressão e a exploração que o patriarcado desenvolveu e desenvolve sobre a mulher, sob um “modelo” heterossexual obrigatório de naturalização dos sexos, vieram atender dois interesses. Primeiro a garantia de controle sobre as (os) filhas (os), o que significava mais força de trabalho, e portanto, mais possibilidades de produção de riqueza. Segundo, ao garantir que a prole seria sua, assegurava-se aos homens a perpetuação da propriedade privada por meio da herança (Cisne, 2014). (CISNE E SILVANA, 2018:43)

A mulher deveria receber ordens sempre com um sorriso no rosto, sem questionar sua posição e suas preferências, devia estar bem vestida, como uma dama e aceitar ser diminuída, sempre devendo obediência ao marido e também ao pai, pois essa é a base que tange o sistema patriarcal. A todo homem ela devia obediência e submissão, por isso desde a inserção do feminismo elas se viram representadas e criando mecanismos de resistência e oposição a esse sistema, a exemplo disso são sites que propagam a resistência ao preconceito machista e que estimulam mulheres a lutarem por seu espaço e desfazer estigmas e pré conceitos, mudando a visão social no que diz respeito ao ser feminino.

Já tangenciando na questão da família patriarcal, como retomado e focado anteriormente de forma mais aprofundada é das formas de submissão feminina, pois conforme Bordieu (2002) há um padrão de submissão máximo que se exprime no sorriso, no comportamento e posturas exigidos às mulheres, como cuidados com o corpo, aceitação da subordinação e atitudes que devem ser carregadas de moral e valores que o patriarcalismo exige, Conforme Bourdieu (2002):

A postura submissa que se impõe às mulheres cabilas representa o limite máximo da que até hoje se impõe às mulheres, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, e que, como inúmeros observadores já demonstraram, revela-se em alguns imperativos sorrir, baixar os olhos, aceitar as interrupções etc...Nancy M. Henley mostra como se ensina às mulheres ocupar o espaço, caminhar e adotar posições corporais convenientes. Frigga Haug também tentou fazer ressurgir (com um método que chamou de memory work, visando a resgatar histórias de infância, discutidas e interpretadas coletivamente) os sentimentos relacionados com as diferentes partes do corpo, com as costas a serem mantidas retas, com as pernas que não devem ser afastadas etc. (BOURDIEU, 2002:39)

A dominação masculina trata as mulheres como objetos simbólicos masculinos, o que as coloca em estado de insegurança e dependência do homem, fazendo-as acreditar que suas atitudes tem de ser de acordo com o pensamento e a aprovação da sociedade, mais especificamente dos homens que constituem ela. Delas se espera feminilidade, receptivas, simpáticas e que sempre se preocupem com a aparência feminina, tornando a sua identidade

de gênero feminino caracterizada com esses preceitos impostos e quando não seguidos causa estranhamento e divergências na sociedade. Nas palavras de Bourdieu (2002)

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser {esse} é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa "feminilidade" muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. (BOURDIEU, 2002:83)

Essa hierarquização é o que gera medidas de resistência na sociedade, experiências como a do site “dibradoras” estão ajudando a abrir os olhos de muitas pessoas e conscientizá-las de que o preconceito machista é natural e sim uma imposição dada a muitos anos que é reproduzida e repassada de geração a geração e que mesmo com a industrialização e com a contemporaneidade ela nunca acaba, e que causa danos irreparáveis na identidade de gênero feminina, o que faz muitas considerarem ser normal ser subordinada e submissa pois vivem a anos essas imposições.

Nosso terceiro aspecto se dá pela divisão sexual do trabalho juntamente com o casamento como única função disponível para a mulher. A divisão sexual e o casamento se juntam, pois é a partir do casamento que o patriarcalismo e o machismo são continuados, pois as mulheres ficavam apenas com as atribuições do lar. Então a divisão sexual do trabalho se dava a partir da ordem masculina, sendo elas marginalizadas se frequentassem lugares considerados masculinos, e também eram impedidas de realizarem tarefas que não permeassem o lar e os afazeres domésticos. Portanto criou-se um costume histórico de que para as mulheres apenas lhe eram atribuídas tarefas do lar e de menores valores, físico e moral. Na rotina da divisão do trabalho a elas eram dadas tarefas menores e humilhantes e penosas, tornando a aparência biológica da mulher motivo e base das diferenças sociais a que elas são submetidas. Nas palavras de Bourdieu (2002)

A ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos). As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e, na colheita das azeitonas, são elas que as juntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-las cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais,

das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais. (BOURDIEU, 2002:35)

Com o patriarcalismo, conseqüentemente a divisão sexual do trabalho constitui na divisão de tarefas de acordo com o sexo, como referido na citação acima para as mulheres ficavam tarefas como apanhar azeitonas que caíam do chão, tarefas penosas, inferiores por serem consideradas frágeis. E de menos visibilidade feminina, quando para os homens ficavam todas as tarefas de maiores relevâncias sociais. É por isso que um espaço reservado para lutas das mulheres se faz importante, para que outras mulheres se conscientizem que há muitos anos vivemos em um regime e em uma sociedade altamente machista, que dita regras baseadas na família patriarcal, que tem o pai como centro de tudo e o idealizador de normas e do do comportamento feminino. Como demonstrado até agora nesta pesquisa bibliográfica.

A divisão sexual parece natural pois assim foi incorporada por homens e mulheres desde o nascimento, quando a cor rosa é destinada somente a menina, quando as brincadeiras são diferenciadas por sexo, quando a menina tem uma boneca e panelas como brinquedos, quando a menina é encarregada desde cedo a cuidar da casa e de seus irmãos, e o menino não tem essa obrigação, pois cuidar do lar é coisa de mulher, a divisão está incorporada desde quando as meninas são separadas dos meninos em brincadeiras e também nas atividades escolares. A menina desde cedo é incentivada a cuidar da casa e aprender a cozinhar pois desta forma muitos pais alegam que ela vai ser preparada para o casamento, como se as meninas vivessem somente para se preparar para a vida matrominial Como comenta Beauvoir (1987):

Além dessa esperança que o brinquedo da boneca concretiza a vida caseira fornece também à menina possibilidade de afirmação. Grande parte do trabalho domestico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa. A irmã mais velha, em particular, é assim amiúde associada às tarefas maternas. Por comodidade, hostilidade ou sadismo, a mãe descarrega nela boa parte de suas funções; ela é então precocemente integrada no universo da seriedade; o sentido de sua importância ajuda-la-á a assumir sua feminilidade, mas gratuitamente feliz, a despreocupação infantil são recusadas (BEAUVOIR, 1987:27)

Dando continuidade a nosso terceiro aspecto, a reprodução do patriarcalismo se deu a partir da lógica do casamento, pois tradicionalmente o que a sociedade impõe a mulher é o casamento, como se fosse uma obrigatoriedade para ela ser aceita socialmente, como se este fosse o único destino que a mulher tem para seguir. Desde muito novas elas são preparadas para esse momento, desde sempre foram incentivadas, e se quisessem ter sua “liberdade” elas deveriam se confinar ao casamento com a alegação de que dependiam do homem para viver economicamente e sentimentalmente. Segundo Beauvoir (1967)

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sintase ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição.(BEAVOUIR, 1967:165)

O casamento sempre originou motivos distintos para o homem e para a mulher, para o homem era sinônimo de poder e dominação. Muitas vezes se casava apenas para ter quem cuide do lar e de suas coisas e para a mulher o casamento é imposto como sulbaternidade e dedicação total ao lar, marido e filhos e vista como ser reprodutor que tem obrigação de gerar vidas e carregar consigo o instinto maternal, para ela não havia outras escolhas senão o casamento, as famílias já se preparavam e as preparavam desde sempre para esse momento, ela já sabia que seu caminho era este. A mulher não tem nenhuma igualdade em sua vida a dois, ambos se fazem importantes na vida do outro, mas não era isso o que acontecia, pois o homem socialmente é visto como um sujeito independente e completo, e a mulher são vista como frágil e dependente do homem, sendo julgada e excluída da sociedade se não segue a ordem imposta na sociedade que é o casamento. Beavouir (1967) salienta que:

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade. Certamente o homem precisa dela; em certos povos primitivos o celibatário, incapaz de assegurar sozinho sua subsistência, é uma espécie de pária; nas comunidades agrícolas uma colaboradora é indispensável ao camponês e para a maioria dos homens é vantajoso aliviar-se de certas tarefas na companhia; o indivíduo almeja uma vida sexual estável, deseja uma posteridade e a sociedade exige dele que contribua para perpetuá-la. Mas não é à mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um de seus membros realizar-se como esposo e como pai; integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens. (BEAUVOIR, 1967:166-167).

Por certo que nos tempos atuais muitas coisas mudaram a evolução econômica da mulher já se modificou muito com a inserção dela no mercado de trabalho, hoje o casamento é uma união estabelecida totalmente com o seu consentimento, a mulher não se ve mais na condição somente de reprodutora e com dedicação exclusiva ao lar, hoje em dia ela tem a decisão de querer ou não ser mãe. Ainda Beavouir (1967)

A evolução econômica da condição feminina está modificando profundamente a instituição do casamento: este vem-se tornando uma união livremente consentida por duas individualidades autônomas; as obrigações dos cônjuges são recíprocas e pessoais; o adultério é para as duas partes uma denúncia do contrato; o divórcio pode ser obtido por uma ou outra das partes em idênticas condições. A mulher não se acha mais confinada na sua função reprodutora: esta perdeu em grande parte seu caráter de servidão natural, apresenta-se como um encargo voluntariamente assumido é assimilado a um trabalho produtivo porquanto, em muitos casos, o tempo de

descanso exigido pela gravidez deve ser pago à mãe pelo Estado ou pelo empregador. (BEAVOUIR, 1967:165)

Isso se dá pelo fato que a mulher está tomando consciência da sua identidade feminina e de sua posição social, e vem criando diversos mecanismos como forma de resistência contra o preconceito machista, um deles são sites que agregam campanhas e divulgações do empoderamento feminino, que fazem a sociedade ter uma nova visão sobre a mulher e seus direitos que tem o movimento feminista como alicerce dessas conquistas. Entretanto, por essas imposições demonstradas acima que a sociedade cobra da mulher e posições que culturalmente ela enxerga como sendo femininas é que se torna tão difícil desmistificar e reconstruir o pensamento de uma sociedade que a muitos anos se baseia no regime patriarcal e que reproduz o preconceito machista, sendo por vezes reproduzido com naturalidade. Desafios esses que o site dibradoras encontra para servir como um elemento de inspiração e resistência ao preconceito machista.

1.2. O Movimento feminista e a resistência ao machismo

Portanto como resistência a essa ordem e esse sistema, elaboramos nosso segundo elemento constitutivo que é o movimento feminista que resistência ao machismo, possuindo dois aspectos. O primeiro deles é o feminismo como movimento social de resistência ao machismo e patriarcalismo e como ele tem o intuito de ser um movimento que visa a garantia pelos mesmos direitos e privilégios que os homens possuem na sociedade.

E por último e segundo aspecto deste elemento, elaboramos baseado em quais foram as conquistas e a necessidade de resistência que as mulheres obtiveram com esse movimento. Como as conquistas para não serem vistas como dependentes do homem, o cuidado com o corpo e o seu direito de não engravidar, a sua inserção no trabalho de trabalho e o direito de serem livres do casamento se assim quiserem.

Nosso primeiro aspecto, portanto, se da referente a emergência do movimento feminista e a defesa dos direitos da mulher. Neste sentido mesmo suas lutas sendo antigas e presentes em todas as etapas da sociedade a sua consolidação e reconhecimento como um movimento de resistência contra a opressão e ao preconceito machista se deu apenas nos últimos 25 anos, embora com intensidades diferentes dependendo da cultura e dos problemas sociais que se encontram em cada país. O movimento feminista foi grande precursor para que

a identidade da mulher fosse reconfigurada e para que ela tivesse voz e autoridade sobre ela mesma, ele ajudou a desfazer o papel da mulher amedrontada e submissa para-ø empoderada e dona de si. Para isso Castells (2002) argumenta que:

A historia do feminismo como tal é antiga como bem exemplificado pelo movimento sufragista dos Estados Unidos, tenho porém de admitir que foi apenas nos últimos 25 anos que observamos uma ressurreição maciça e global das mulheres contra sua opressão, embora com diferente intensidade dependendo da cultura e do país. (CASTELLS, 2002:170)

Com base nessas conquistas, o movimento feminista é um movimento que tem como intuito reconfigurar e afirmar a identidade de gênero feminino como mulher independente e dona de seu corpo e se faz importante para que a mulher perceba as atitudes machistas que ainda é submetida.

O movimento feminista está fazendo com que a família patriarcal como já mencionada no início deste capítulo seja contestada, pois através dos da luta por direitos adquiridos neste fim de milênio e as conscientizações da mulher referente ao seu espaço e lugar na sociedade, e por atitudes de resistência que tentam reformular a sua identidade vista como submissa e objeto de dominação masculina. Neste sentido vamos identificar alguns aspectos que demonstrem como esse elemento se movimenta na perspectiva da afirmação da necessidade de espaços especializados de luta contra o preconceito machista. O segundo aspecto neste sentido se dá pelas transformações do trabalho feminino e a emergência do movimento feminista, pois as mulheres trabalhavam mais e ganhavam muito menos, além de que não eram promovidas. Essa foi uma das causas para que surgissem o movimento feminista e sua expansão. Aumentando a autonomia da mulher quando isso é quebrado e quando a suas quádruplas jornadas de trabalho são rompidas. Para Castells (2003)

As forças propulsoras desses processos são o crescimento de uma economia informacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e por um movimento feminista multifacetado, três tendências observadas a partir do final da década de 60. A incorporação maciça da mulher na força do trabalho remunerado aumentou o seu poder de barganha vis-à-vis o homem, abalando a legitimidade da dominação deste em sua condição de provedor da família. Além disso colocou um peso insustentável sobre os ombros das mulheres com suas quádruplas jornadas diárias (trabalho remunerado, organização do lar, criação dos filhos e a jornada noturna em benefício do marido. (CASTELLS, 2003:170)

Junto com as transformações surge o feminismo, movimento que visa a defesa dos direitos da mulher, para que a sua identidade seja reforçada como ser humano e não como objeto, ou quaisquer coisa que não seja relacionada com um ser humano capaz de pensar por si. É um movimento social que luta pela igualdade de gênero, pela voz ativa da mulher e por seus direitos igualitários, por sua vontade de não se casar, de não procriar, e de casar se quiser, de fazer o que ela tem vontade.

Esse movimento social, empodera a mulher para que ela vá a luta de seus direitos e que seja tratada por igual ao sexo masculino, e de não obedecer ordem de homens somente porque são homens e porque são considerados mais inteligentes e capazes, como está moldado esse pensamento na sociedade. Ele surgiu como uma extensão dos direitos humanos para que a mulher se reconheça como independente e que não precise mais do homem pois é o único capaz de prover subsistência a família, para Castells (2002):

A defesa dos direitos da mulher é o ponto crucial do feminismo. Todas as outras premissas incluem a informação básica das mulheres como seres humanos e não como bonecas, objetos, coisas, ou animais nos termos da crítica feminista clássica. Nesse sentido o feminismo é positivamente uma extensão pelos direitos humanos. Esse movimento é apresentado em duas versões, liberal e socialista, embora a inclusão dessas versões como variante de um mesmo tipo possa parecer surpreendente em vista de sua profunda oposição ideológica. E são realmente bem diferentes mas em termos de identidade de ambas defendem os direitos da mulher como sendo iguais aos dos homens. As duas versões diferem à análise das raízes do patriarcalismo e em sua crença, ou descrença, quanto a possibilidade de reformar o capitalismo e atuar de acordo com as normas da democracia liberal ao mesmo tempo que conquistam a meta final, a igualdade. Ambas incluem os direitos econômicos e o de ter ou não filhos entre os direitos da mulher. (CASTELLS, 2003:230-231).

A mulher vem lutando até hoje para que tenha seu espaço cada vez garantido e que sua identidade feminina seja desvinculada somente a reprodução e as coisas do lar, a mulher ainda luta incansavelmente para que tenha o seu espaço adquirido e para que não seja vista como uma subordinada que somente acata com as imposições do marido. São essas lutas que se transformam em formas de resistência.

É essa importância que sustenta nossa hipótese que o site “dibradoras” tem no processo de resistência ao preconceito machista, pois cria mecanismos: Como o diálogo com a sociedade e promove debates, como workshops que tratam o espaço da mulher no mercado de trabalho, assim como no âmbito esportivo e também espaço de denúncias como o projeto SPFC se importa, projeto em parceria com o Clube São Paulo onde expõe violências sofridas pelas mulheres e promove o apoio através de psicólogos e uma Promotora de Justiça, também publica reportagens onde enfatiza a luta diária que as mulheres encontram para confirmarem sua presença em locais considerados masculinos, além de incentivar outras mulheres a não desistirem de lutar contra uma sociedade machista, se inserindo no mercado de trabalho independentemente de desaprovações ou comentários carregados de preconceito machista.

Neste sentido, nosso segundo aspecto se dá pela necessidade de resistência e das conquistas contra o machismo. Pois para a mulher reconfigurar a sua identidade feminina, e afirmar ela na sociedade, conforme a nossa hipótese, elas tinham de lutar arduamente por seu

espaço, mas com muitos conflitos. Conforme Federici (2004), as mulheres que lutavam para serem reconhecidas e serem independentes eram jogadas na fogueira condenadas a morte, muitas mulheres morreram lutando por seus direitos, muitas mulheres foram mortas por usar métodos anticoncepcionais, muita mulher foi condenada por questionar e não obedecer o seu marido, pai, ou qualquer homem que lhe desse atribuições.

As mulheres da idade medieval, consideradas Bruxas, eram queimadas pelo mesmo motivo que as mulheres de hoje são julgadas e reprimidas, são julgadas por buscarem cada vez mais sua liberdade, tanto a sexual quanto a liberdade de escolha para a sua vida, por querer tomar decisões da sua própria vida, foi por mostrarem interesses pela política e áreas consideradas masculinas, a caça as bruxas foi a grande manifestação do machismo e patriarcalismo que a sociedade cobrava dos homens e das famílias. Sobre isso Federici (2004) discorre:

Todavia, a bruxa não era só a parteira, a mulher que evitava a maternidade, ou a mendiga que, a duras penas, ganhava a vida roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos. Também era a mulher libertina e promíscua — a prostituta ou a adúltera e, em geral, a mulher que praticava sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Por isso, nos julgamentos por bruxaria, a “má reputação” era prova da culpa. A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura. Aqui, a expressão “rebelde” não se refere necessariamente a nenhuma atividade subversiva específica na qual pode estar envolvida uma mulher. Pelo contrário, descreve a personalidade feminina que se havia desenvolvido, especialmente entre o campesinato, no contexto da luta contra o poder feudal, quando as mulheres atuaram à frente dos movimentos heréticos, muitas vezes organizadas em associações femininas, apresentando um desafio crescente à autoridade masculina e à Igreja. (FEDERICI, 2004:336)

Mesmo que as mulheres tenham conquistado muitas coisas, a luta continua, a base do patriarcalismo não foi derrubada, mesmo com os avanços, ela continua fortemente instaurada na sociedade através do preconceito machista, elas ainda sofrem preconceitos na sociedade, na política, no trabalho, os seus salários ainda são inferiores que dos homens, a mulher ainda é explorada em seu local de trabalho, ainda é humilhada e diminuída em suas tarefas, elas ainda são vistas sob maus olhos quando gostam de “coisas de homens”, elas ainda tem que provar muitas vezes que sabem sobre diversos assuntos. Nota-se que os homens ainda são vistos em posições privilegiadas, quando são destaques de muitas coisas que mulheres também realizam, quando mulheres ainda são julgadas por terem muitos filhos, ou por optarem a não ter nenhum, por ter muitos casamentos/namoros ou por não quererem ter nenhum. O controle sobre a mulher sempre esteve a cargo dos homens. Para Saffioti (2004)

O importante a reter é que a base material do patriarcado não foi destruída, não obstante os avanços femininos, quer na área profissional, quer na representação no

parlamento brasileiro e demais postos eletivos políticos. Se na Roma antiga o patriarca tinha direito de vida e morte sobre sua mulher, hoje o homicídio é crime capitulado no Código Penal, mas os assassinos gozam de ampla impunidade. Acrescente-se o tradicional menor acesso das mulheres à educação adequada à obtenção de um posto de trabalho prestigioso e bem remunerado. Este fenômeno marginalizou-as de muitas posições no mercado de trabalho. A exploração chega ao ponto de os salários médios das trabalhadoras brasileiras serem cerca de 64% (IBGE) dos rendimentos médios dos trabalhadores brasileiros, embora, nos dias atuais, o grau de escolaridade das primeiras seja bem superior ao dos segundos. (SAFFIOTI, 2004:106)

Muitas mulheres acreditam já terem conquistado os mesmos direitos dos homens e acreditam serem tratadas do mesmo modo, já que estão incluídas no mercado de trabalho e tem autonomia para falarem e fazerem o que quiserem mas o fato é que as mulheres ainda precisam conquistar coisas muito fundamentais, uma delas é o respeito. O fato das coisas terem mudado e direitos serem conquistados não exclui que mulheres ainda sofrem repressões por suas atitudes e são obrigadas a terem sua imagem feminina, seu corpo e sua aparência obrigadas a seguirem padrões impostos pelo patriarcalismo. O espaço conquistado no mercado de trabalho, na política, na economia e em diversas áreas não anula o fato de que as mulheres ainda sofrem opressões e querem ser vistas como seres livres e terem liberdade sobre o seu próprio corpo e sua opção de não formarem família. Castells (2003) aborda que:

Nos países industrializados, a grande maioria das mulheres considera-se igual ao homem, com direito as mesmas prerrogativas e de controlar seus corpos e suas vidas. Tal conscientização está se difundindo rapidamente em todo o planeta. Essa é mais importante das revoluções, porque remete as raízes da sociedade e ao âmago do nosso ser. Além disso trata-se de um processo irreversível. Admitir o fato não significa que os problemas referentes a discriminação legal tenham de certo modo, diminuído e a tendência seja que o mercado de trabalho venha a se equalizar a medida que o nível de educação da mulher aumenta a violência interpessoal e o abuso psicológico tem-se expandido, justamente em virtude da ira masculina, tanto individual quanto coletiva, ante a perda de poder. Essa não é, nem será, uma revolução de veludo. Paisagem humana da liberação feminina está coalhada de cadáveres de vidas partidas, como acontece em todas as verdadeiras revoluções. Entretanto, não obstante a violência do conflito, a transformação da conscientização da mulher e dos valores sociais ocorrida em menos de três décadas em quase todas as sociedades é impressionante e traz consequências fundamentais para toda a experiência humana, desde o poder político até a estrutura da personalidade. (Castells, 2003:170-171).

Como dito por Castells (2003) a liberação feminina advinda do movimento feminista além de trazer anunciando a reivindicação de seus direitos políticos, também configura a personalidade da mulher e consolida a afirmação de sua identidade feminina e denunciando as desigualdades de gênero. Hoje em dia as mulheres são incentivadas a estudar, a trabalhar, a buscarem informações a toda hora, a se casarem apenas se quiserem, hoje em dia são mais motivadas a estudarem e trabalharem do que a terem filhos e constituírem família, pois o feminismo vem conquistando a anos os direitos das mulheres.

E são incentivadas a isso através de sites como o “dibradoras” que pretendem ser uma mídia que reforça a sua identidade feminina e tenta desfazer estereótipos que ainda são encontrados e ditados acerca do feminino e de sua imagem social associada a dona do lar e mãe e sim delas serem o que quiserem. É muitas vezes através das mídias sociais que a imagem da mulher é reformulada e respeitada e é essa a função que o site esportivo “Dibradoras” busca, ele busca ser uma ferramenta onde a mulher possa se encontrar como mulher que gosta da área esportiva, ainda tenta quebrar barreiras através de publicações com foco na mulher e em suas conquistas, somente assuntos que elevem as suas vitórias e sua autoestima como atleta, profissional, e também como mulher torcedora. São esses focos esses que as outras mídias não dão que se misturam com a aparência física e vida pessoal, pois além de ele naturalizar a mulher no mundo esportivo o Site esportivo “Dibradoras” também dá a elas visibilidade.

2 - A Resistência a partir da Visibilidade a Atletas e Jornalistas.

Para iniciarmos o Segundo capítulo partiremos novamente do seguinte problema de pesquisa “Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?” que será primordial para nos guiarmos nesta pesquisa, sendo os fatores hipotéticos e seus elementos constitutivos analisados a partir dele. Para respondermos esse problema de pesquisa foram elaboradas duas hipóteses a qual a primeira já foi comprovamos no primeiro capítulo deste TCC e a segunda é a “Visibilidade a atletas e jornalistas” que trabalharemos doravante. Visando entender como a sociedade trata mulheres que optam pela área esportiva como profissão, seja elas jornalistas, seja elas competidoras em uma sociedade carregada de preconceito machista. E o fator de nossa hipótese busca afirmar as seguintes situações: a falta de patrocínio, falta de estímulo, desigualdade salarial via campanhas e reuniões que o site vem realizando desde a sua inserção na internet e como o site luta e tem característica de uma mídia de resistência que vem apoiando mulheres no esporte. Nossa hipótese também busca enfatizar como a mulher é tratada em um ambiente em que o homem é unanimidade e como é vista a figura feminina neste ambiente, como ela sofre preconceito machista e como vem se apoiando em movimentos de resistência como o site “Dibradoras” que ajudam a reformular estereótipos ditados as mulheres envolvidas na área esportiva.

Possuindo três elementos constitutivos, o primeiro deles que surge é o Estereótipo e Machismo no esporte, tendo o seu primeiro aspecto: Mulheres impedidas por lei da prática

esportiva, que enfatiza que antigamente existiam leis que as proibiam desta prática, pois ela não era considerada para mulher, devido ao fato que as mulheres eram consideradas frágeis e que o esporte poderia machucar seus órgãos reprodutores o que as impediam de se tornarem mães e que também modificaria o seu corpo, tornando-as masculinizadas. Nosso segundo aspecto que explica a nossa discussão hipotética é a Educação Física escolar como divisor de meninos e meninas no esporte e seus reflexos nos espaços da sociedade, que surge para explicarmos como desde crianças a incentivação para excluir mulheres de esportes mais pesados e que exigem habilidade com naturalidade.

Nosso segundo elemento é a baixa visibilidade midiática da mulher no esporte, que tem como primeiro aspecto: Pouca cobertura esportiva de competições femininas, pois para as mulheres a mídia não se encarrega de cobrir todos os esportes e campeonatos que elas participam, não há a mesma visibilidade que os homens possuem. Além da cobertura também os noticiários não destacam tanto as vitórias como fazem com os homens e muitas vezes quando noticiam, dão destaque a outras coisas e não ao seu desempenho e sucesso. O segundo aspecto que elaboramos é a falta de visibilidade e os espaços destinados às mulheres, pois mesmo que a sua participação tenha sido conquistada, ainda há pouca visibilidade delas no esporte, além de que ainda falta espaço para elas na área esportiva. As competições ainda se encontram muito menores em relação aos homens, também relacionado como a mídia a baixa visibilidade se dá através dela, porque sem a cobertura e colocando-as em evidência automaticamente a visibilidade se encontrará em menor proporção. Em nosso terceiro aspecto sugere: oportunidades de visibilidade, espaço e patrocínio que as mulheres lutam para adquirirem, pois, os noticiários ainda reservam uma pequena parte destinada a notícias de mulheres no esporte, com a legação que há falta de interesse social, mas o que vamos mostrar é que não bem isso que acontece. A falta de visibilidade se da pelo fato de que a sociedade ainda não se acostumou com mulheres em determinadas modalidades. Portanto tudo isso gera a falta de patrocínio a elas, gerando dificuldades em suas carreiras.

O nosso terceiro e último elemento deste capítulo, tem como o primeiro aspecto referência as profissionais do jornalismo esportivo, enfatizando como elas ainda se encontram em minorias nas mesas redondas e nas pautas esportivas. Muitas vezes elas são apenas uma imagem bonita e nos padrões para chamar atenção dos telespectadores masculinos, onde eles que comandam os programas e os debates esportivos mais aprofundados. O segundo aspecto de nosso terceiro elemento é sobre abusos e agressões que as jornalistas sofrem, vindos de

“brincadeiras” e “piadas” que se referem a elas e também de xingamentos que torcedores insatisfeitos fazem. Esses abusos e agressões são reproduzidos, pelos colegas de trabalho, torcedores e pela sociedade em geral carregada de julgamentos e preconceito machista. Vamos agora analisar cada um dos elementos destacados e seus respectivos aspectos

Nosso primeiro elemento sobre o estereotipo e o machismo no esporte tem o primeiro aspecto que surge para demonstrarmos nossa hipótese é as mulheres impedidas por lei da prática esportiva, pois a legislação do esporte foi contribuidor para que ainda haja a falta de visibilidade das mulheres no esporte, mesmo que em outro aspecto, a fundamentação é a mesma, pois além das separações na Educação Física escolar e de todas as concepções e proibições que tinham em relação as mulheres com a prática de esportes, criou-se um movimento que as impediam da participação delas em certas modalidades esportivas, sancionado pelo General Newton Cavalcanti que apresentou argumentos para a elaboração de uma lei que proibia naquele tempo as mulheres de praticar alguns esportes, como lutas e salto com vara, todas que exigem mais força física e são consideradas mais agressivas, era o Decreto-Lei n. 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941 (BRASIL, 1941).

Já em 1965 o Conselho Nacional de Desportos promoveu uma nova deliberação em que proibia a prática de quaisquer lutas e de quaisquer modalidades futebolística, do rugby e halterofilismo e basebal Goellner (2005) discorre isso em sua obra:

A tensão presente entre diferentes concepções acerca da relação entre mulheres e atividades físicas fez com que houvesse, por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas. Fruto desse movimento, em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo outras foram permitidas desde que praticada dentro de determinados limites. Em 1965 o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação n.7, que em seu artigo segundo registrava não ser permitido a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, “rugby”, halterofilismo e “baseball” (GOELLNER, 2005:145)

Mesmo que a prática esportiva entre as mulheres seja praticada desde os primórdios, ela é efetivamente bem menor se comparada com os homens, inclusive porque havia decretos oficiais que as interditavam desta prática e de determinadas modalidades que eram consideradas agressivas para o sexo feminino, o que tornou nula a inclusão da mulher no esporte. A visibilidade das atletas e de qualquer outra mulher que quisesse trabalhar no âmbito esportivo como as jornalistas começou a engatinhar a partir de 1979 quando foram

revogadas as deliberações do Conselho Nacional de Desportos (CND) que as impediam da prática esportiva. Como demonstra Goellner (2005)

Ainda que as mulheres brasileiras tenham praticado o futebol já nos primórdios do século XX, é evidente que essa participação foi significativamente menor que a dos homens, inclusive porque os decretos oficiais da interdição a determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres nos esportes. Esse movimento terá seu início apenas no final da década de 70, quando se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres. (GOELLNER, 2005:147)

Castelani (2010:47) traz em sua obra o decreto em que não são permitidas as práticas de desportos para as mulheres devido as condições de sua “natureza biológica” que é considerada como menos capazes e com baixo rendimento físico e frágeis para tamanha agressividade “DECRETO-LEI n 3.199-14/4/41 Art. 54 – Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às identidades desportivas do país.”

Portanto como salientando acima, apenas em 1979, o decreto que impedia as mulheres de praticarem esportes foi revogado, devido ao fato oriundo de uma atitude do então diretor da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) que provocou essa mudança das mulheres em relação a prática esportiva, Joaquim Mamed havia trocado os nomes de quatro meninas competidoras por nomes masculinos na relação de competidores, que fez ao Conselho Nacional de Desportos (CND) para garantir a disputa de um campeonato sul-americano na Argentina em 1979.

Logo após a competição ele foi descoberto, mas saiu-se vitorioso, sendo intimado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) para prestar declarações, onde em inúmeras discussões, com as exposições dos resultados alcançados e apresentação das meninas constituindo as suas medalhas, fez com que o CND aprovasse a inserção das mulheres no Judô e também logo após consequentemente se deu a inserção delas nas demais modalidades esportivas. Conforme Castelani (2010)

Somente em 1979, o Conselho Nacional dos desportos, CND, através da deliberação n.10, revogou a de n.7/65. É importante frisar que tal deliberação surgiu de um caso fortuito, relacionado ao judo. Segundo a matéria “mulheres compete nesse esporte somente há 8 anos” (Folha de São Paulo, caderno de esportes (21/9/87, p. A-17) “... foi uma atitude insólita e ousada do carioca Joaquim Mamed, então diretor da Confederação Brasileira de Judô, CBJ, que provocou a liberação...”. Segundo a reportagem “...Mamed trocou o nome de quatro meninas, relacionando-as como homens na comunicação que fez ao CND, para assegurar passagens à delegação que disputaria um campeonato sul-americano na Argentina em 1979. Sua trama foi descoberta depois, mas ele saiu-se vitorioso. “Quando retornei no Brasil, disse Mamed, ainda conforme a reportagem- já havia uma intimação para que

comparecesse no CND. Fui la com as meninas, todas de quimono (...) e de medalhas no peito. Houve discussões, mas o CND acabou aprovando a entrada da mulher no judo...” (CASTELANI, 2010:49)

Segundo a DELIBERAÇÃO -CND- N. 7/65 citado por Castelani (2010:48) constava que “Baixa instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres.n. 1 Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma de modalidades e consições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observando o disposto na presente deliberação.”

A visibilidade de mulheres e a inserção dela na área esportiva estava se criando através de novas reconfigurações e decretos reformulados de acordo com as mudanças sociais, como a mulher no mercado de trabalho, portanto a inserção das mulheres brasileiras na área esportiva se deu a partir do século XIX, mas a ampliação e sua consolidação foi apenas no século XX, embora a área esportiva não é nenhuma novidade, porém é a partir das primeiras décadas do século XX que elas conquistaram mais espaço em um território dominado pelos homens e para os homens.

Os jogos olímpicos modernos foram um dos grandes percursos para que a participação da mulher fosse iniciada no esporte, mesmo que não tenha se dado de forma tranquila e nem mesmo fácil possibilitou que elas ganhassem um pouco de visibilidade nesse meio, mas as mulheres foram aceitas apenas na segunda edição desse evento, em meio a protestos de organizadores que queria que elas só participassem assistindo os jogos e não competindo neles. É nesse ponto que entra o o sentimento de posse e de configuração para o que é recomendado ou não para as mulheres na prática esportiva, sobre isso Goellner (2005) declara:

Por certo que a prática esportiva feminina não é novidade deste século nem do passado, no entanto, é somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço neste território tido como “essencialmente” masculino. Uma das razões para tal conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranqüila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta. As mulheres foram “autorizadas” a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, mesmo sob protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições, direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participassem. (GOELLNER, 2005:144)

Por muitos anos a mulher foi impedida de praticar esportes, pois há uma disputa de gênero onde os homens querem dominar todas as áreas, por isso criam-se regras sob o que pode ou não a mulher praticar e suas funções na sociedade, não eram incentivadas em lugares nenhum a seguirem esse âmbito, pois é uma área dominada masculina, a única área reservadamente feminina era a do lar e a maternidade, por isso não eram incetivadas a

seguirem carreira nenhuma, não haviam incentivos nas escolas para que as mulheres praticassem atividades físicas, e nem incentivos dos profissionais de educação física para que o fizessem corretamente, o que faz com que essas atitudes imposta contribuíssem ainda mais para a falta de visibilidade que a mulher enfrenta nas áreas do esporte.

O segundo aspecto que elaboramos para explicar o primeiro elemento é a educação física como divisor de meninos e meninas no esporte e seu reflexo nos espaços da sociedade. A educação física separando os sexos, foi grande fator que contribuiu para a falta de visibilidade e a desigualdade de gêneros na área esportiva, pois as aulas de educação física eram separadas por sexo, sendo que para os meninos eram incentivados inúmeros esportes, todos eles que exigiam mais esforço físico e confronto entre corpos, com movimentos mais agressivos e violentos, já por sua vez as meninas eram excluídas desses esportes com a alegação de que os esportes iriam masculinizá-las, para elas eram incentivados os esportes mais suaves, como ginásticas e danças, também temia-se que as meninas iriam se lesionar, especificamente lesionar os seus órgãos reprodutores, impedindo-as de serem mães. Conforme Souza, Altmann (1999) apud Terossi; D'Angelo; de Bessa Stilli (2009)

Durante as aulas de Educação física escolar na década de 30, permitia-se aos homens jogar futebol, basquete e judô, pois eram esportes que exigiam mais esforço em um confronto corpo a corpo com movimentos violentos. Mas mulheres poderiam praticar atividades com distancia entre os corpos e movimentos suaves, como ginastica rítmica e voleibol. Essa restrição ocorria devido ao temor pela masculinização da mulher e com propósito de evitar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores (SOUZA, ALTMANN, 1999 apud TEROSSI; D'ANGELO; DE BESSA STILLI 2009:140-141)

Ainda nos dias atuais, nas escolas as meninas são separadas dos meninos, conforme Terossi; D'Angelo; de Bessa (2009), pois alguns esportes parecem ser destinados para cada sexo, o futebol, por exemplo, mesmo que com grande número de mulheres praticando, ele ainda não é bem aceito pelas alunas e pela sociedade, porque seus movimentos não são considerados movimentos de uma mulher e de sua fragilidade feminina. Mas se espera que as técnicas de ensino proporcionarão outro pensamento em relação as mulheres e os conteúdos desta disciplina Para isso Terossi; D'Angelo; de Bessa (2009)

Ainda existem escolas em que as turmas são divididas de acordo com o sexo, ou seja, meninos e rapazes não realizam atividades físicas juntamente com as meninas e moças. Alguns esportes parecem ser destinados a um desses dois grupos distintos. Mesmo com a ascensão do futebol feminino nacional, ainda assim a prática desse esporte pelas alunas parece não ser bem aceita por essa atividade requerer movimentos considerados pela sociedade impróprios para a possível "fragilidade feminina". A Educação Física para meninos e para meninas parece ter sofrido varias transformações conceituais, procedimentais e atitudinais durante o decorrer da

história da humanidade. A evolução das técnicas de ensino-aprendizagem poderá determinar outras alterações futuras e proporcionar um outro pensamento e aceitação de determinados conteúdos das aulas de Educação Física. (TEROSSSI; D'ANGELO; DE BESSA STILLI 2009:141)

É por isso que a educação física deve se adaptar as diferenças entre os sexos mas sempre lembrando que essas diferenças são influências culturais que a nossa sociedade reproduz muitas vezes inconscientemente e o que torna a visibilidade de atletas e jornalistas no esporte seja quase nula, pois é um universo dominado pelo preconceito machista e por julgamentos que as mulheres enfrentam, por ser uma área em que o homem se porta como unanimidade. Nas palavras de Castelani (2010):

[...] Odete Lourenço, em artigo publicado no ano de 1953, na revista da associação dos professores de Educação Física de São Paulo, escreveu começando por dizer que "... em geral, admite-se a fragilidade da filha perante ao filho e cuida-se mais de resguardá-la de experiências e contatos (...) Dão-se brinquedos e jogos diferentes para meninos são diferentes as leituras e até o enxoval do bebê (...) Esses fatores ambientais minuciosos até os pormenores mas operando continuamente através das idades vão a pouco determinando a capacidades diferentes entre homens e mulheres...". E continuava, dizendo que "... a educação física deve adaptar as diferenças que apresentam entre os sexos, embora o professor deva lembrar-se que tais diferenças, em sua grande maioria, são frutos mais influências culturais de nossa sociedade ocidental que de fatores fisiológicos. (CASTELANI, 2010:46)

Ainda havia a visão de que o suor excessivo, a exibição de corpo, esforço e a agressividade que o esporte causava, quando relacionadas as mulheres causava estranhamento com a imagem criada como sendo ideal para a feminina, além de ser acusado de desestabilizar um lugar dominado por homens e de quebrar a sua hierarquização sobre as mulheres. Goellner (2005) relata:

Havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos especularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Além disso, poderiam desestabilizar a estruturação de um espaço de socioabilidade criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo. (GOELLNER, 2005:144)

O foco para o corpo da mulher só é aceito e incentivado em locais que as valorizam como mulheres femininas, e que colocam em destaque sua sensualidade e beleza, em outros lugares como campos de futebol, ou em lutas esse destaque causa estranhamento, porque seus corpos cujas práticas esportivas estão transformados pelo excesso de exercício físico e pelo treinamento pesado, o que ocasiona certa curiosidade social referente a sua feminilidade e sexualidade, contestando muitas vezes as praticantes sobre assuntos que diferem totalmente do seu profissionalismo enquanto atleta. Sobre isso Goellner (2005) relata:

A espetacularização do corpo feminino é aceita e incentivada em determinados locais sociais, em especial, aqueles que valorizam uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação, por exemplo, da beleza e da sensualidade. Noutros, como o campo de futebol ou as arenas de lutas, essa espetacularização direciona-se para o estranhamento a estes corpos femininos performantes, fundamentalmente, porque às mulheres, cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Não raras vezes as jogadoras de futebol são questionadas acerca de sua sexualidade, parecendo ser “natural” essa inspeção (GOELLNER, 2005:148-149)

A inserção da mulher na área esportiva, assim como em outras não se deu sem a presença de reações e julgamentos de que as mulheres não podem ser inseridas nesse ambiente apenas pode serem mulheres e porque a prática esportiva assustava a sociedade, não só o esporte mas todas as atividades que fossem modernizar as mulheres eram temidas pela sociedade, que sentia-se com medo de que as mulheres desonrassem sua feminilidade e a sua família, e que perdessem sua posição de recato, até mulheres que tinham como referência as imposições e atribuições baseadas na família patriarcal temia que as mulheres ficassem masculinizadas ou de perderem sua posição de mãe-maternal.

O que Podemos notar que a falta de patrocínio, estímulo e desigualdade salarial que o site “Dibradoras” critica e luta para as mulheres conseguirem, é fruto de uma sociedade machista que se baseia no patriarcalismo como regra pra sociedade e anula mulheres de atividades que não são vistas como femininas, como demosntramos em nosso primeiro capítulo.

Nosso segundo elemento referente a baixa cobertura midiática da mulher tendo o seu primeiro aspecto a pouca cobertura esportiva de competições femininas. Pois embora elas tenham ganho certa visibilidade com a autorização e a anulação dos decretos que as proibiam da prática esportiva, conseqüentemente se deu a sua inserção em campeonatos, competições ou até nas áreas do jornalismo. Mas se comparamos com a visibilidade que os homens possuem também os campeonatos, as premiações e os valores destes prêmios são bem diferenciados do sexo masculino. Disparidades que as mulheres enfrentam na visibilidade midiática. Na mídia essa desigualdade é muito evidente, pois a visibilidade que ela dá aos homens não chega nem perto da que as mulheres possuem em relação a mídia ao longo da história. Ainda nos dias atuais os apoios e incentivos são bem diferentes para os sexos, em

todos os âmbitos dessa área, seja na gestão, na prática e na administração. Goellner (2005) esclarece que:

Vale ressaltar que nem sempre foram – e algumas vezes ainda não são – iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, no campo das práticas corporais e esportivas, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras. Ou seja, ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração. (GOELLNER, 2005:86)

Outro fator que também contribui para a baixa visibilidade de mulheres no esporte é porque criou-se no imaginário social que há esportes que são considerados de homens e outros de mulheres e quando acontece a quebra dessas barreiras que possuem uma hegemonia masculina, gera consequentemente baixa cobertura por parte da mídia, prejudicando até o seu rendimento e desenvolvimento no esporte, sendo comprovado que as mulheres recebem maior cobertura em esportes considerados femininos e neutros, pois nesses não gera estranhamento e julgamentos da sociedade e homens onde os esportes são considerados apropriados para eles. Souza e Knijnik (2007) sobre isso explanam:

Isso indica que ainda há, no imaginário coletivo, a expectativa que existem esportes que devem ser praticados apenas por homens, e outros que devem ser praticados apenas por mulheres; e quando esportistas quebram essa barreira e participam de esportes considerados não-apropriados para o seu sexo, enfrentam forte preconceito e baixa cobertura por parte da mídia, prejudicando seu desenvolvimento no esporte. Esses resultados também corroboram com o que foi relatado por KOIVULA (1999): as mulheres receberam maior cobertura de esportes considerados neutros e femininos e os homens em esportes masculinos (SOUZA E KNIJNIK, 2007:44)

Atualmente o número de mulheres que estão inseridas na área esportiva vem crescendo gradativamente, porém apesar disso, essa situação deve ser avaliada com excessões, pois mesmo que essa inserção seja significativa e sucessiva, ainda é muito menor que participação dos homens, vemos isso na falta de clubes esportivos, nas atividades escolares, nas de lazer, nos estádios, quadras e ginásios como espectadoras e também na baixa presença de mulheres na cobertura dessas competições nos meios de comunicação de massa, que destinam aos homens o maior prestígio e destaque. Como declara Goellner (2005):

Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que a participação delas como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens. Esta diferença pode ser identificada nas mais diversas instâncias em que se praticam as atividades corporais e esportivas, tais como nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras e também nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção. (GOELLNER, 200:94)

É por isso que caracterizamos o site “Dibradoras” como uma mídia diferenciada onde não reproduz o machismo e estereótipos, muito pelo contrário, ele se faz oposição a esses estereótipos e resistência ao preconceito machista, como mencionado anteriormente e ainda indaga as confederações quanto a falta de patrocínio ser tão grande para as atletas mulheres, quanto a falta de estímulo social encontrada em escolas, e nas demais áreas em geral, e a desigualdade salarial. O que encontramos é uma mídia bastante desigual, que vem noticiando coisas que não estão relacionados com o desempenho das atletas, como em casos em que expõem polêmicas relacionadas com o corpo de atletas femininas ou sobre o uniforme delas, produzindo reportagens que muitas vezes nada tem em relação ao seu talento e conquistas. Nas palavras de Souza e Knijnik (2007)

Entretanto, mesmo ocupando este grande espaço nos meios de comunicação, o esporte ainda é ao mesmo tempo um dos setores que apresenta continuamente uma grande desigualdade no trato e nas oportunidades entre homens e mulheres - e também permanece um campo que procura enrijecer e mesmo antagonizar o feminino do masculino. Basta lembrar as contínuas polêmicas relativas aos uniformes das atletas de várias modalidades, quando importantes dirigentes esportivos declaram e até exigem que os uniformes das atletas seja mais ‘sensual’, adequado àquilo que eles identificam com a beleza feminina. (SOUZA E KNIJNIK, 2007:36)

Nosso Segundo aspecto, trabalhamos sobre a falta de visibilidade x espaços que as mulheres possuem. Pois, mesmo que o número de mulheres praticantes do esporte tenha aumentado se compararmos com outras décadas, o que ainda dificulta essa visibilidade é a falta de competições para as mulheres. Ainda não há muitos campeonatos regionais e competições de grandes portes para elas, também não há um alto índice de mulheres nas comissões técnicas dos clubes e em nenhuma confederação de alto nível esportivo, conforme Goellner (2005)

O número de mulheres brasileiras que hoje praticam o futebol em clubes e área de lazer aumentou se comparado à década anterior. Porém, os campeonatos regionais são poucos, não há um evento de porte nacional, bem como não há um número considerável de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem no nível administrativo das entidades que regem este esporte.(GOELLNER, 2005:95)

A mídia tem o poder de construir a imagem de grandes ídolos, é o que ela faz com atletas masculinos, para eles há um vasto universo de atletas para se espelharem, todo dia a mídia constrói um herói no mundo esportivo, para os meninos há várias opções e histórias, cada modalidade e time de futebol tem um homem como espelho social a qual crianças podem seguir mas para as meninas muitas vezes elas não encontram nenhuma imagem feminina de atletas, a mídia não constrói heroínas como faz com os homens.

Por isso sites como o “Dibradoras” tem a possibilidade de serem uma ferramenta que reformula a mulher no esporte, dando destaque a elas e cobrindo campeonatos esportivos, esses que muitas vezes na televisão não são divulgados e transmitidos

A mídia não destaca as vitórias das mulheres atletas, muitas vezes elas passam despercebidas não dando ênfase a campeonatos, e quando ocorre campeonatos e vitórias femininas não vemos a reprodução das notícias destacando isso, e os que noticiam são extremamente poucos e pouco aprofundados, muitas vezes são noticiadas dias depois, quando não ignoradas pela mídia, é essa falta de exposição e visibilidade que faz com a participação feminina seja anulada e menor e que torne ela menos importante e que não precisa de atenção. Sobre isso Toohey (1997) apud Souza e Knijnik (2007) abordam:

A mídia é capaz também de promover grandes ídolos, fazendo com que estes, com suas atitudes, se tornem modelos para milhares de crianças e jovens que muitas vezes se espelham nestes ídolos para manifestar seus interesses, emoções, e mesmo formar sua experiência de vida. A mídia também pode favorecer o envolvimento das pessoas com a prática esportiva saudável, por meio de programas que estimulem a participação esportiva, e hábitos avessos ao sedentarismo da vida moderna. Porém, o que diversas pesquisas ao redor do mundo vêm mostrando é que meninas e mulheres têm poucas atletas em quem possam se espelhar, porque, apesar das atletas estarem sendo bem-sucedidas nos esportes, suas conquistas têm sido constantemente ignoradas pela mídia. Essa falta de exposição da participação feminina no esporte faz com que a sociedade acredite que este não é importante e não merece atenção (TOOHEY (1997) apud SOUZA E KNIJNIK 2007:38).

Percebemos então que a invisibilidade da mulher que acontece na mídia conforme estamos tentando demonstrar em nossa hipótese a partir de Toohey (1997) apud Souza e Knijnik (2007) quanto a falta de patrocínio, falta estímulo, desigualdade salarial da mulher no esporte se dá devido aos meios de comunicação dominados pelos preconceitos machistas, como discutido no capítulo anterior e por uma sociedade masculina não reconhecem algo que já existe na atualidade, que é a mulher praticando esporte profissionalmente. Por isso nossa hipótese que o site “Dibradoras” pode reforçar a presença da mulher no momento em que são feitas divulgações promovendo cotidianamente a mulher neste âmbito.

As reportagens que destacam as mulheres na área esportiva são exemplos de que a mídia reproduz ainda mais o preconceito machista estudado em nosso primeiro capítulo. Um estudo realizado em 2016 mencionado por Bagatini (2018) com 160 milhões de palavras usadas nos meios de comunicação esportiva e nas redes sociais, destacaram que na mídia elas são tratadas com desprezo, rótulos, e questionamentos sobre a sua vida pessoal.

Já para os atletas masculinos são dados adjetivos que acentuam a sua capacidade técnica e alto desempenho, adjetivos esses que os mostram e valorizam a sua superioridade

nas competições, destacando sempre o seu rendimento e características positivas voltadas apenas a sua prática esportiva. Como Bagatini (2018) salienta:

Um estudo da Universidade Cambridge de 2016 mostrou que, na mídia esportiva, as palavras mais associadas às mulheres na língua inglesa são “mais velha”, “grávida”, “casada” e “solteira”. Enquanto isso, as referências aos homens eram acompanhadas de adjetivos como “forte”, “rápido”, “grande” e “incrível”. Em termos de rendimento, homens são associados a termos como “vencer”, “dominar”, “derrotar” e “batalhar”, enquanto mulheres estão vinculadas a palavras como “competir” e “participar”. A pesquisa usou uma base de dados de mais de 160 milhões de palavras usadas nos veículos esportivos e nas redes sociais. (BAGATINI, 2018)

Em relação ao nosso terceiro aspecto de nosso segundo elemento constitutivo, temos as oportunidades de visibilidade, espaço e patrocínio que as mulheres lutam para adquirirem. Em uma pesquisa mencionada por Bagatini (2018) percebeu-se que na cobertura de atletas nas competições femininas em noticiários, as mulheres têm baixo índice dedicado para elas. Resultando no total de apenas 3%, demonstrando serem minorias em relação aos homens, também apenas 12% desse tempo é dedicado a reportagens de atletas femininas, totalizando 2h55 da programação dos noticiários. Em outra pesquisa com monitoramento global de mídia foram validados 18 mil notícias esportivas em 23 países, desses 23 incluindo o Brasil, predominantemente os homens são a maioria em relação as matérias sobre atletas e modalidades, o que nessa pesquisa resultou um total de 85%. Segundo Bagatini (2018)

Apenas 3% do noticiário esportivo é voltado para a cobertura de atletas e competições femininas, segundo pesquisa da Women’s Sports Foundation. No Brasil, um levantamento feito pela Gênero e Número analisou pouco mais de 24 horas da programação esportiva e mostrou que apenas 12% desse tempo, um total de 2 horas e 55 minutos, foi dedicado às atletas mulheres. Em outra pesquisa sobre a cobertura jornalística no esporte, o Monitoramento Global de Mídia avaliou 18 mil notícias esportivas publicadas em 23 países, incluindo o Brasil, e mostrou que 85% das matérias eram sobre atletas e modalidades masculinas. (BAGATINI, 2018:5)

A alegação que muitas mídias dão para a falta de pautas e a razão das transmissões de mulheres no esporte serem menores do que as masculinas é a falta de público, os veículos alegam que as transmissões de competições femininas não dão audiência como os esportes praticados por homens e por consequência disso é que ganham menor cobertura. O que isso gera para as mulheres é a falta de visibilidade e patrocínio para elas que consequentemente gera remuneração muito inferior com a dos homens, mesmo sendo na mesma área.

Mas o que pesquisas mostram é que a falta de interesse nas transmissões de mulheres praticando esportes não é verdade. 22,5 milhões de pessoas assistiram à partida do futebol feminino pelas quartas de final da Olimpíada do Rio de Janeiro, elegendo essa partida o quarto evento esportivo mais visto na televisão brasileira, ficando apenas atrás de cerimônias de aberturas e de encerramentos de competições olímpicas, também o jogo da seleção feminino com a África do Sul, entrou nos 10 jogos mais vistos. Segundo Bagatini (2018):

A explicação para a desproporção gira em torno da suposta falta de público. Os veículos alegam que o esporte feminino não tem audiência e, por isso, tem menos cobertura. Por consequência, tem menos visibilidade e patrocínio, o que gera desigualdade na remuneração e no desenvolvimento de mulheres e homens que desempenham a mesma função. Mas isso não é verdade. Alguns números, contestam a tese de que não há interesse por esportes praticado por mulheres. É o caso do futebol, modalidade mais popular do Brasil. Um levantamento feito pelo Kantar Ibope Media, mostrou que 22,5 milhões de pessoas assistiram a partida do futebol feminino Brasil e Austrália, pelas quartas de final da Olimpíada do Rio de Janeiro. A partida foi o quarto evento dos Jogos mais visto pela TV brasileira, atrás apenas das cerimônias de abertura e encerramento do evento e da final do futebol masculino. O duelo da seleção feminina com a África do Sul, pela fase de grupos, também entrou no top 10, com 18,7 milhões de telespectadores. (BAGATINI, 2018:4)

Como já vimos até agora houve avanços da mulher na área esportiva, mas mesmo com muitos avanços e inserção do sexo feminino na educação Física escolar, avanços de índices de mulheres em competições e olimpíadas, faltam o mais importante para dar continuidade em sua trajetória: patrocínio e incentivos para as atletas, a falta de patrocínio a elas é fruto da invisibilidade que a mídia dá, pois se ela desse uma maior exposição na mídia criando imagens positivas das mulheres, ajudaria na obtenção de patrocínio que são de suma importância a elas e essenciais para a sua sobrevivência no esporte.

São por esses argumentos que classificamos o site “Dibradoras” como uma mídia que promove a visibilidade de atletas e jornalistas no meio esportivo, pois quando em suas publicações enfatiza as conquistas das mulheres e os campeonatos que são poucos divulgados na mídia, também resgata a memória de mulheres que passaram por essa área e ainda busca promover o patrocínio que a elas muitas vezes é inexistente.

Como a mídia possui um forte poder e influência em opiniões e na vida das pessoas, uma maior exposição de mulheres nessa área além de refletir uma imagem positiva também ajudaria na obtenção de patrocínio e recursos que todo atleta precisa nesta área. Poderia influenciar crianças e jovens a se motivarem e se inserirem nesse âmbito de forma sadia, dando consciência de que a mulher ao entrar nesse meio seja dona dos mesmos direitos e da mesma visibilidade que os atletas homens possuem. Por isso torna-se importante refletir como é que a mídia tem tratado a participação das mulheres no esporte. Souza e Knijnik (2007) sobre isso:

Uma maior exposição na mídia pode criar imagens positivas que ajudem na captação de recursos e patrocínios valiosos e duradouros, essenciais para a sobrevivência do atleta; que esta mesma visibilidade pode influenciar positivamente crianças e jovens a se envolverem de forma sadia nas práticas esportivas; e que a mulher, ao adentrar no campo esportivo deveria ser portadora dos mesmos direitos e de igual tratamento por parte da mídia que o homem - torna-se de suma importância observar e refletir como a mídia brasileira tem se comportado em relação à participação feminina no esporte, no sentido de apresentar dados que espelhem com clareza esta relação, ainda controversa, entre a presença da mulher no esporte de rendimento e a cobertura da imprensa. (SOUZA e KNIJNIK, 2007:36)

Já primeiro aspecto de nosso terceiro e último elemento constitutivo que abordamos é que além das mulheres atletas também encontramos mulheres no jornalismo esportivo. Elas estão na televisão, jornais, internet e revistas, comentando e transmitindo jogos e campeonatos, estão presentes na editoria, e na seleção de notícias. Através disso percebemos que elas estão alcançando certa visibilidade em relação a profissão. Mas ainda não conquistaram a igualdade com o homem, elas não são a maioria em mesas redondas e debates, e muitas vezes nem participam de debates, totalizando somente 13% de mulheres presentes no jornalismo esportivos, onde quase todas estão somente nas reportagens, onde só são usadas sua imagem como figura decorativa e usam da beleza e do corpo para chamarem atenção do público masculino para aumentar a audiência, como ressalta Bagatini (2018):

“Nos programas esportivos da TV fechada, 13% das profissionais são mulheres e quase todas estão na reportagem, segundo levantamento feito pelo UOL Esporte. São comuns as “mesas redondas” compostas majoritariamente por homens, mas que têm como apresentadoras mulheres consideradas padrão de beleza e vestidas em trajes curtos. Elas não participam efetivamente do debate esportivo: estão ali como enfeites do cenário. Além de excluir as jornalistas, que ficam como “café com leite”, essa prática também reforça estereótipos de que mulheres não entendem de esporte e são meros corpos para apreciação masculina”. (BAGATINI, 2008)

Outro fator importante é a falta delas como narradoras esportivas, até 2018 não encontrávamos a presença delas nas narrações de jogos de futebol, foi somente em 2018 que começamos a ver a presença delas nos canais Fox Sports e Esporte Interativo tiveram a decisão de buscar mulheres para a narração de jogos mas sobre críticas pois a agência que estava relacionada com a emissora Fox Sports, anunciou a seleção e pedia como requisito uma foto de corpo inteiro das candidatas.

Esse quesito acaba reproduzindo a ideia de que a beleza é fundamental para as mulheres, e que também seriam levados em conta a beleza da candidata, requisitos esses que para os homens não vemos serem exigidos, para eles é somente exigido profissionalismo e talento, apenas para as mulheres são dadas essas regras, excluindo a seriedade e profissionalismo delas nesta área. Conforme Bagatini (2018)

Aos poucos, porém, as portas começam a se abrir. Em 2018, os canais Fox Sports e Esporte Interativo tiveram a iniciativa de buscar talentos femininos da narração esportiva, ramo em que a presença de mulheres é ainda mais incomum. Contudo, as propostas iniciais das emissoras geraram duras críticas. A produtora BluemoonKM anunciou no Facebook o processo de seleção para o programa da Fox Sports. Um detalhe chamou atenção: a agência pedia, como pré-requisito para a inscrição, "fotos de corpo inteiro" das candidatas, dando a entender que os atributos físicos também seriam levados em conta na escolha. A maioria dos narradores esportivos da TV não se encaixa no padrão de beleza imposto pela sociedade, mas isso não parece ser um problema para os canais, que escolhem seus funcionários com base em talento e

habilidade. Apenas as mulheres são submetidas a testes de aparência, o que deixa claro: vistas como corpos para apreciação, elas ainda não são levadas a sério. (BAGATINI, 2018)

Já a emissora Esporte Interativo realizou um reality show onde seriam testados os conhecimentos das candidatas sobre futebol, sendo narrado somente um jogo pela ganhadora sem ser contratado, o que não daria cargo fixo para ela, este modelo de seleção tornou evidente os estereótipos de que as mulheres não entendem tanto assim de futebol, e que não irão exercer com sucesso esse cargo, isso evidenciou a desconfiança que se tem com as profissionais ou o tratamento delas como anormais quando entendem muito ou gostam bastante deste esporte. É o que expõem Bagatini (2018):

Já no Esporte Interativo, a ideia inicial era fazer um reality show para testar os conhecimentos delas sobre futebol. A escolhida narraria apenas um jogo e nem sequer seria contratada. Mais uma vez, uma mulher seria escolhida, mas sem um cargo fixo e sem antes passar por uma situação de provação. Esse modelo de "gincana" é problemático porque expõe mulheres a suposta diversão do público, reforça o estereótipo de que elas não entendem tanto de futebol quanto eles, mostra a desconfiança com as profissionais do meio esportivo e ainda trata aquelas que gostam de futebol como aberrações. (BAGATINI, 2018)

Devido a reclamações e constestações, ambas emissoras apresentaram projetos que foram menos desrespeitosos com as mulheres, e que foram de grande repercussão e sucesso. A vencedora do concurso A Narradora Lays, do Esporte Interativo, teve a oportunidade de narrar a semifinal da Liga dos Campeões, entre Real Madrid e Bayern de Munique, diretamente do estádio do Real Madrid na Espanha, onde ficou conhecida como sendo a única mulher narrando à partida no estádio e na televisão. Sobre isso Bagatini (2018)

Diante das contestações, as emissoras deram um passo atrás e apresentaram novos projetos, menos desrespeitosos às mulheres, que foram um sucesso. Vencedora do A Narradora Lays, do Esporte Interativo, Vivi Falconi teve a oportunidade de narrar a semifinal da Liga dos Campeões entre Real Madrid e Bayern de Munique diretamente do Santiago Bernabéu, na Espanha. Ela era a única mulher narrando a partida do estádio. (BAGATINI, 2018)

Por isso destacamos o site “dibradoras” promove a visibilidade das mulheres jornalistas, pois quando criam um site comandado por mulheres e dão destaque para essas que são minorias na área esportiva, quando elas estão na narração e comandando debates estão ajudando a mudar uma posição que é tão carente de mulheres e que quando elas estão inseridas nesta área ainda sofrem abusos e preconceitos, esta é a imagem que o site tenta passar, pois são publicações que exaltam a mulher na área esportiva, feita por mulheres que buscam espaço na área esportiva.

Em nosso segundo aspecto, abordaremos as mulheres jornalistas e abusos e agressões sofridos por elas, pois por trabalharem na área esportiva e o jornalismo esportivo ser um ambiente rodeado de humor e uma editoria considerada descontraída e informal, muitos acham que podem fazer brincadeiras e perguntas pessoais para as jornalistas e para outras mulheres que também estão inseridas nesse meio, como é o caso de atletas que também sofrem esse tipo de constrangimento e ataques.

As mulheres são minorias nessa editoria, nas redações e nas emissoras de televisão, isso faz com que ocorram brincadeiras de mau gosto e piadas tornando esses fatos banais e não sendo caracterizados como assédio e violência, o que contribui ainda mais para estereótipos e objetivação da mulher nessa área. Conforme Bagatini (2018)

O jornalismo esportivo, assim como outras esferas da sociedade, submete mulheres a constrangimentos sob a justificativa do senso de humor e acaba naturalizando uma violência sofrida por elas todos os dias. Combater essa violência e dar um basta às brincadeiras de mau gosto são passos essenciais para que o mundo esportivo seja um lugar menos hostil para as mulheres que tentam ocupar um espaço tradicional e historicamente reservado aos homens. [...]A ausência de mulheres nas redações e emissoras também é prejudicial à atletas e torcedoras. Por ser um ambiente considerado “descontraído” e dominado por homens, casos de assédio de jornalistas homens podem passar como brincadeira ou piada, mas não são nem devem ser tratados como tal. (BAGATINI, 2018)

Também é o caso de repórteres que sofrem assédios em entrevistas, porque são julgadas não saberem de futebol apenas por serem mulheres, como foi o caso da jornalista Kelly Costa que trabalha na RBS, emissora filiada a rede Globo no Rio grande do sul, que foi vítima de grosserias e de piadas discriminativas ao gênero feminino, por parte do então técnico do Internacional naquela época, onde declarou que não iria responder a pergunta da repórter porque ela sendo mulher talvez não entendesse a sua explicação, e muito menos teria jogado futebol para entender as dificuldades e as tensões que os jogador encontram nos lances finais de cada partida. Ainda Bagatini (2018)

Em julho de 2017, a jornalista gaúcha Kelly Costa, da RBS, foi alvo de uma frase grosseira do técnico Guto Ferreira, à época no Internacional. Ao ouvir e se incomodar com a pergunta da jornalista sobre as chances de gol desperdiçadas pela equipe, Guto apelou para a discriminação de gênero para responder a questão gênero. "Desculpe, eu não vou te responder a pergunta porque você é mulher e talvez não tenha jogado (futebol). Mas todo jogador que joga tem dificuldades de ter uma tensão a mais no lance final", disse o treinador, que momentos depois foi se desculpar com a repórter. (BAGATINI, 2018)

Recorrente a esses fatos, e depois de dois episódios de assédios que foram o estopim para que mulheres jornalistas colocassem um fim e desse visibilidade a esses a assédios e estereótipos que elas ainda encontram no jornalismo esportivo, um deles vivido pela jornalista Renata de Medeiros e o outro por Bruna Dealtry, um grupo de jornalistas fizeram um

manifesto para pedir respeito e igualdade em seus ambientes de trabalhos, com o objetivo de combater o assédio moral e sexual sofrido pelas jornalistas foi lançado a campanha em forma de *hashtag* #DeixaElaTrabalhar, que teve o intuito de encorajar outras mulheres a romperem o silêncio quando forem agredidas e de dar ênfase a esses ataques, mostrando que não são brincadeiras e sim agressões. Conforme Bagatini (2018):

Dois episódios recentes de assédio na imprensa esportiva brasileira foram a gota d'água e levaram um grupo de jornalistas a fazer um manifesto pedindo respeito e igualdade no ambiente de trabalho. Em março de 2018, a repórter da Rádio Gaúcha, Renata de Medeiros, foi agredida por um torcedor dentro do estádio Beira-Rio. A jornalista estava trabalhando quando ouviu: "sai daqui, sua puta". Ela reagiu à ofensa, começou a filmá-lo e pediu que repetisse o que estava dizendo diante da câmera ligada. Foi então que o torcedor tentou dar um soco, que deixou um hematoma no braço da repórter. Poucos dias depois, a repórter Bruna Dealtry, do Esporte Interativo, fazia uma passagem ao vivo perto do estádio São Januário, no Rio de Janeiro, quando um torcedor tentou beijá-la na boca, deixando a jornalista visivelmente constrangida. Os casos levaram um grupo de 52 mulheres que atuam na mídia esportiva a lançar a campanha "Deixa Ela Trabalhar". O objetivo do movimento foi denunciar e combater o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas redações e nas ruas, encorajando outras mulheres a romperem o silêncio. (BAGATINI, 2018)

Essa campanha também teve o apoio do site “Dibradoras” que deu maior propoção na internet, pois o site promoveu a visibilidade desta hashtag em seu site e em todas as redes sociais desta marca, e conseqüentemente a explanação de atletas e jornalistas que sofreram esses casos de assédios, pois na prática e na cobertura, há o machismo, mesmo que com dinâmicas diferenciadas, esses ataques são em formas de brincadeiras com tons conotativos e sexualizantes. Ainda Bagatini (2018)

Os casos de assédios com mulheres na área esportiva mesmo sendo inúmeros em todos os lugares do mundo, eles são apenas o retrato de uma sociedade machista. Para que o machismo seja combatido, é preciso que a mulheres não sejam mais a monoria nesse âmbito e que se empoderem cada vez mais para ocuparem esse espaço e também para que usem a sua voz e sites que promovem a resistência e a visibilidade como o “dibradoras” para denunciarem abusos e agressões, com a sua consolidação e incentivos consolidados nesta área. Segundo Bagatini (2018)

Essa invisibilidade da mulher na mídia também faz com que jornalistas esportivas sofram brincadeiras tratadas com naturalidade por parte da sociedade sem a consciência que de são pejorativas, vindas de ataques e agressões morais e sexuais. Essa é a importância que o site esportivo “Dibradoras” tem no processo de resistência ao machismo, pois luta para que a cada dia as mulheres se naturalizem nesse âmbito, com linguagem apropriada e com denúncias de abusos.

O site “dibradoras” se faz importante para que a visibilidade que a elas é cabida seja reinsignificada, lutando pelas mesmas igualdades que o sexo masculino e privilegios que eles

possuem. O site “dibradoras” promove a visibilidade que outras mídias não dão, ainda realiza a indagação quanto a falta de patrocínio, falta estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões e debates que promovem, além de explicar que essas brincadeiras e fatos que por vezes são banalizados abrindo diálogo com internautas, aberto a denúncias e abusos sofridos pelas mulheres na área esportiva, se fazendo oposição e resistência ao machismo.

3. Pesquisando o Site Dibradoras: Verificando a luta pela resistência ao preconceito machista e pela visibilidade profissional.

3.1 Problema de hipóteses

“Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?” O site surgiu em 2015, pensado através do preconceito machista a qual as mulheres vêm passando a cada dia por optarem o esporte como sustento de vida ou até mesmo como lazer. Ele vem dando força a mulheres que sofrem esse preconceito e vem contando histórias com a intenção de motivar outras mulheres a prosseguirem nesse ramo. O site ainda provoca a sociedade, faz indagações e expõem a fundo o dia a dia de mulheres que são consideradas menos femininas ou por não entender de um assunto “totalmente masculino”.

Em nossa primeira hipótese respondemos que o site é importante, pois possibilita a afirmação da identidade de gênero feminino que busca o esporte como lazer, profissão ou que pratica o esporte independente de todo preconceito machista e das barreiras criadas pela sociedade.

Com a possibilidade de ser um espaço de luta, para que a mulher se conheça e reconheça como uma mulher que gosta de esportes sem problema nenhum. Com a existência de sites especializados no esporte e na inserção da mulher, o gosto pelo esporte tem se tornado mais evidente. Já que hoje em dia a mulher expõem mais suas preferências sem tanta opressão como havia antigamente, mas que precisa ser melhorado muito.

Os sites ajudam a mulher a entender que ela não está errada em optar por essa área, ajudam a conscientizar abusos e agressões sofridas. Portanto, um exemplo de que a internet, mídias sociais e os sites especializados ajudam a mulher a se encontrar enquanto amante do esporte, é a #DeixaElaTrabalhar que foi criada no dia 23 de março com o apoio de 50 jornalistas, e com o apoio do site “Dibradoras” onde foi criado um vídeo com relatos de abusos e ofensas vivenciadas e pedindo o apoio da sociedade, fazendo com que a mulher entenda que ela tem que denunciar esses casos, pois não são coisas normais como muita gente prega ser. A #DeixaElaTrabalhar contribuiu para a visibilidade de casos que vem acontecendo

cada dia mais e fez com que times do mundo inteiro conscientizassem seus torcedores minutos antes das partidas começarem.

Em nossa segunda hipótese partimos do pressuposto de que a importância reside no fato de ele, o site, dar visibilidade a atletas e jornalistas, evidenciando conquistas das mulheres e denunciando problemas que elas ainda enfrentam, através de campanhas, sites e propagandas que são criadas para estimularem.

O “Dibradoras” também indaga a sociedade e as autoridades, tanto sobre a falta de patrocínio, a falta de público, que muitas vezes são pouco estimulados a prestigiar o esporte feminino, o baixo salário e premiações menores que a dos homens.

O site também passa a dar a visibilidade que muitas mídias não dão e ajuda mulheres que se sentem oprimidas e com vergonha de mostrar seu talento. Fazendo com que a mulher e os demais públicos do site entendam que sofrer preconceito machista por gostar de esporte é errado.

Também promove reuniões pautando quais melhorias às torcedoras esperam de seus clubes, como o clube pode incluir mais a mulher no esporte e no estádio e como eles podem fazer para que haja diminuição do preconceito. As mulheres juntamente com as criadoras dos sites dão sugestões, críticas e melhorias.

Um exemplo disso são as ações que fazem parte do programa “O SPFC se importa”, que agora promove reuniões para prestar auxílio jurídico e psicológico a mulheres vítimas de violência que acontecerão mensalmente no Morumbi, estádio do São Paulo. Tudo isso com o apoio do site “Dibradoras”.

3.2. Metodologia

Para a realização da primeira parte desta monografia, será feita uma pesquisa científica do estudo de porque a sociedade constrói o pensamento machista e de como ele é reproduzido por uma sociedade patriarcal. Para LAKATOS E MARCONI (2003, p. apud Ander-Egg (1978:28): A pesquisa é um "procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Portanto faremos uma discussão racional com método reflexivo que requer profundidade e pensamento científico.

Neste sentido nossa pesquisa se enquadra em algumas características:

Procederemos a um estudo racional que busca compreender a função do site como uma forma de resistência ao machismo. Assim buscar-se a encontrar possíveis explicações desta dinâmica como forma de ajudar a superá-la.

O primeiro procedimento para isto será a definição do problema de pesquisa definido a partir de uma pergunta que busca estabelecer o foco de pesquisa.

Após estabelecer-se a construção das hipóteses que são respostas prováveis para nos guiar na pesquisa de campo.

Formulamos também a realização de duas hipóteses que irão nos nortear em relação ao nosso tema e nossa pesquisa quantitativa, permitindo a validade de nosso problema, propondo uma resposta suposta, provável e provisória deste trabalho, formulando uma solução para respondermos nosso problema de pesquisa, como citado anteriormente, explicando-o através do conhecimento científico e lógica de nossa pesquisa. Para isso Lakatos e Marconi (2003) definem hipótese como:

Uma vez formulado o problema, com a certeza de ser cientificamente válido, propõe-se uma resposta "suposta, provável e provisória", isto é, uma hipótese. Ambos, problemas e hipóteses, são enunciados de relações entre variáveis (fatos, fenômenos); a diferença reside em que o problema se constitui em sentença interrogativa e a hipótese, em sentença afirmativa mais específica. A hipótese é um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos), formulado com solução provisória para determinado problema, apresentando caráter explicativo ou preditivo, compatível com o conhecimento científico (coerência externa) e revelando consistência lógica (concorrência interna), sendo passível de verificação empírica em suas consequências (LAKATOS E MARCONI, 2003:126)

3.3 Descrição do objeto

O site esportivo “Dibradoras” é um site esportivo que visa destacar a mulher na área esportiva, seja ela atleta ou jornalista. Realiza postagens que promovem a visibilidade a elas e faz a cobertura de campeonatos que geralmente não são nem divulgados nas mídias tradicionais, tendo em sua marca além do site, Facebook, Twitter e Soundcloud. O “Dibradoras” teve o seu início em 2015, sendo coordenadas por quatro mulheres, duas delas jornalistas, uma publicitária e a outra design.

3.4. Técnicas de pesquisa

Para a realização de nosso trabalho, usamos a pesquisa quantitativa e a bibliográfica, como forma de qualificar nossa monografia e explicarmos fenômenos presentes nela, observando comportamentos e interpretando-os com base nos fatos encontrados.

3.5. Pesquisa quantitativa

Para Mattar apud Oliveira (2001) “a pesquisa quantitativa busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande número de casos representativos, recomendando um curso final da ação. Ela quantifica os dados e generaliza os resultados da amostra para os interessados”. Para termos ciência de que o site promove a resistência ao preconceito machista, realizaremos uma pesquisa quantitativa através de questionários aplicados com as acompanhantes do site, para quantificar opiniões e informações a respeito da representação do site na vida das mulheres. Ele será realizado para compreendermos o raciocínio lógico e todas as informações que se possam mensurar sobre as experiências das mulheres com o site.

Lakatos e Marconi (2003, p. 200) definem o questionário como “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante”.

Faremos a coleta através de um questionário de múltipla escolha, em forma de survey na rede social facebook, que serão aplicados com rigor para que obtenhamos os resultados necessários para a realização do nosso trabalho. Será fixado no facebook, pois é a rede social com mais engajamento e visualizações das espectadoras.

Para isso faremos os seguintes procedimentos de pesquisa:

Obter autorização: Temos a autorização do site, através de uma solicitação por email, para fazermos a pesquisa no facebook da marca “dibradoras” com as mulheres que acessam o site e facebook desde setembro de 2017.

Elaborar um questionário de múltipla escolha: Realizaremos a pesquisa num período de 30 dias (21 de agosto até 21 de setembro de 2018) com uma amostragem de 363 respostas. Na elaboração do questionário buscamos sempre equilibrar as alternativas, sendo duas alternativas positivas em relação ao site e duas negativas, contendo a opção outros (a) para novas possibilidades de respostas. O questionário será anexado e analisado neste trabalho. Como forma de explanar todo o nosso raciocínio e a pretensão que temos com esta pesquisa.

Para isso elaboramos quatro blocos para construirmos as perguntas e alternativas. Contendo três questões cada bloco. Onde no primeiro bloco trabalharemos a nossa primeira discussão hipotética “A afirmação da identidade feminina” onde elaboramos três questões onde procuramos saber se o site é um espaço especializado de lutas (contra abusos e agressões)” advindas do preconceito machista.

Blocos de questões

Hipótese1- Afirmação da identidade de gênero feminino	Hipótese 2- Visibilidade a atletas e jornalistas
(1)Site como espaço especializado de lutas(contra abusos e agressões)-preconceito machista	(3)Indagação quanto a falta de patrocínio, falta estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões
(2)Reconhecimento enquanto mulher	(4)Visibilidade contra a opressão profissional

Em nosso segundo bloco procuramos descobrir se o site permite o reconhecimento enquanto mulher da mulher que gosta da área esportiva. No terceiro relacionamos com a nossa segunda hipótese que é a “Visibilidade a atletas e jornalistas” para isso elaboramos três questões em nosso terceiro bloco que procura saber se as entrevistadas percebem que o site promove a indagação quanto a falta de patrocínio, falta estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões. Todas essas questões foram inseridas no formulário google docs, que serão respondidas gerando gráficos e tabelas, dando-nos a porcentagem de cada alternativa e o número de mulheres em cada resposta.

3.5.1 Pesquisa Bibliográfica

Como base de nosso trabalho e para nos apoiarmos na escrita dele, iremos usar a pesquisa bibliográfica, como uma forma de discutirmos e afirmarmos posições e acontecimentos históricos relacionados com nossas discussões hipotéticas que contem elementos constitutivos e aspectos. Para isso faremos uma pesquisa bibliográfica referente ao patriarcalismo e todas as consequências que ele gera na sociedade e suas formas e

possibilidades de resistência. Para isso Traina e Traina (2009) define a pesquisa bibliográfica como:

Em geral, a pesquisa bibliográfica tem como alvo apoiar a redação de um projeto, um artigo ou um relatório, mas para ser bem sucedido é importante ter bem claro seu objetivo. Neste texto, consideramos que a pesquisa pode ter até três objetivos, independente de seu alvo, que aqui já apresentamos adaptados ao contexto da informática. A saber: 1. Identificar conceitos, técnicas e ferramentas que servem de base para o desenvolvimento de nosso trabalho. Chamaremos este objetivo de identificar conceitos básicos; 2. Identificar técnicas, algoritmos, softwares e autores com trabalhos semelhantes ou precursores ao nosso. Chamaremos este objetivo de identificar parceiros; 3. Identificar necessidades, situações e resultados do mundo real. (TRAINA E TRAINA, 2009:35)

Fizemos uma pesquisa sobre o tema em questão e fizemos a revisão da literatura usada em nosso trabalho. Para isso definimos o problema de pesquisa, qual a importância do site esportivo “Dibradoras” no processo de resistência ao machismo? Como citado anteriormente. Onde tínhamos quatro e depois unificamos para um. E formulamos duas hipóteses a partir do problema apresentado. Que nos ajudou em quatro passos:

1) Organizar a estrutura do texto: Nos permitiu a construção de dois capítulos de análise. Também nos permitiu criarmos níveis de análise como os elementos constitutivos e seus aspectos

2) Realizar pesquisa de autores: As hipóteses nos permitiram selecionar as obras a serem pesquisadas, assim como os temas dentro de cada obra.

3) Análisar: As hipóteses permitiram a análise cruzando citação com nossa resposta hipotética

4) Demonstrar: Por último, as hipóteses permitiram os quadros demonstrativos abaixo que emergiu e conseqüente análise que possibilitou concluir sobre a pertinência ou não de cada hipótese.

Buscamos baseados em nossas discussões hipotéticas e seus elementos constitutivos e aspectos, demonstrar como afirmamos nossas hipóteses através do questionário realizado abaixo.

4. Analisando a Pesquisa

Nossa pesquisa buscou avaliar a recepção do site esportivo “Dibradoras” e se as consumidoras mulheres o enxergam como uma ferramenta de resistência ao preconceito machista. Através de um mapa conceitual onde separamos-o em quatro blocos, contendo o seguinte problema de pesquisa “Qual a importância do site esportivo “Dibradoras” no processo de resistência ao machismo?”.

Separado por duas hipóteses a primeira delas a “Afirmação da identidade de gênero feminino” que buscou avaliar como o site promove e desenvolve a afirmação da identidade de gênero feminino que está inserida na área esportiva, com o primeiro fator “Site como espaço especializado na luta (contra abusos e agressões) relacionados com o preconceito machista” que buscou mostrar se realmente as entrevistadas o percebem como um site especializado na luta contra abusos e agressões) advindos do preconceito machista.

Já a segunda hipótese relacionada com a “Visibilidade a atletas e jornalistas”, buscamos verificar se o site esportivo “Dibradoras” promove a visibilidade de atletas e jornalistas esportivas em suas publicações. Tendo o seu segundo fator a “Indagação quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões. Onde procuramos conformar se de fato o site “Dibradoras” tem essa função social de indagar federações quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo, e a desigualdade salarial que ainda é muito distinta entre homens e mulheres.

O nosso questionário buscou responder os quatro blocos, onde dedicamos três perguntas para cada um deles.

No bloco site especializado de lutas (contra abusos e agressões) elaboramos as seguintes três questões:

- 1) Como você define o site “Dibradoras”?
- 2) Como você vê a motivação para denúncias de abusos e agressões que o site “Dibradoras” tenta promover?
- 3) Como você acha que o site “Dibradoras” demonstra que é um site especializado na luta contra o machismo?

Neste bloco relacionamos com a hipótese de que o site afirma a identidade de gênero feminino, pois é um espaço especializado de lutar contra os abusos e agressões que as mulheres sofrem na área esportiva. Onde as questões tem o intuito de verificar se as mulheres

que acessam o site o percebem como um site que afirma a identidade do gênero feminino, pois ali o percebem como um espaço especializado para lutarem contra o preconceito, abusos e as agressões que o preconceito machista reproduz.

No bloco reconhecimento enquanto mulher elaboramos as questões:

- 1) O site agrega quanto a sua identidade feminina?
- 2) Como é o tratamento do site para mulheres que gostam da área esportiva?
- 3) Como as publicações efetivam o reconhecimento do gênero feminino?

Neste bloco relacionamos com a hipótese de que o site faz a mulher reconhecer-se como gênero feminino que gosta da área esportiva. Onde as questões tem o intuito de verificar se as mulheres que acessam o site se reconhecem enquanto mulheres que gostam do âmbito esportivo sem problema algum.

No bloco referente a Indagação quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo e desigualdade salarial via campanhas/reuniões elaboramos:

- 1) Para você qual é o principal foco das publicações do site “Dibradoras”?
- 2) O site estimula você a acompanhar o esporte feminino?
- 3) Qual sua opinião sobre campanhas e eventos que as “Dibradoras” tentam promover?

Neste bloco relacionamos com nossa segunda hipótese que é a visibilidade a atletas e jornalistas que o site tenta promover. Onde as questões tem o intuito de saber se o site promove a visibilidade através da indagação quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo e desigualdade salarial via campanhas/reuniões.

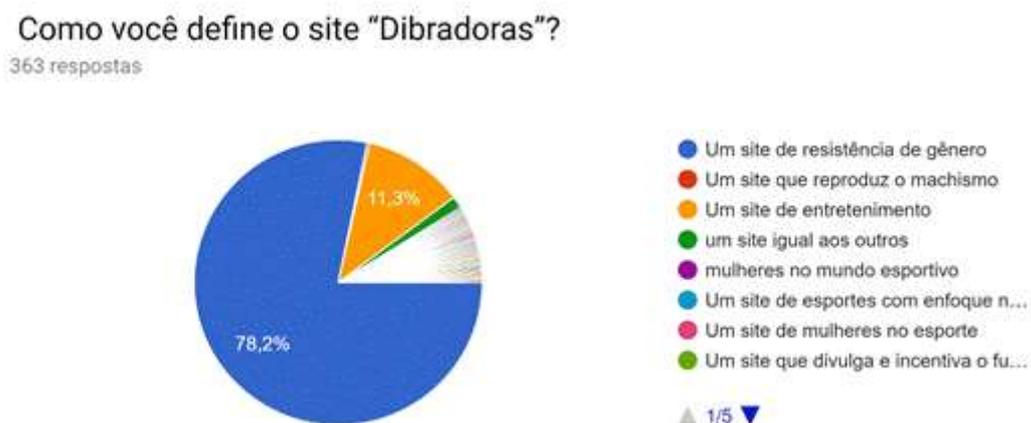
E por ultimo no bloco sobre Visibilidade contra opressão profissional elaboramos:

- 1) Como o site trata a opressão profissional que as mulheres sofrem?
- 2) Como você define a visibilidade a atletas e jornalistas que o site “Dibradoras” pretende dar?
- 3) Você acha que o site dá apoio necessário para as jornalistas esportivas?

Neste bloco relacionamos com nossa segunda hipótese que é a visibilidade a atletas e jornalistas que o site tenta promover, relacionado ao site ser um espaço especializado de lutas contra abusos e agressões. Onde as questões tem o intuito de saber se o site realmente é um espaço especializado e que as mulheres podem se apoiar nele e lutarem juntas em casos de abusos e agressões sofridas na área do esporte.

4..1. BLOCO 1- Site especializado de lutas (Contra abusos e agressões)

Na primeira pergunta realizada neste bloco “Como você define o site “Dibradoras””? Buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistados percebe a definição do site como forma de iniciar a demonstrar qual seu perfil, seja ele de site especializado em lutas de resistência ou não. Assim percebemos 78,2 (número de respostas) das mulheres entrevistadas definem-o como “Um site de resistência de gênero” Apontando para um perfil do site como espaço que efetivamente se posiciona a favor da presença do gênero feminino no esporte. Entretanto, 11% (número de respostas) o definem como “Um site de entretenimento.” Definindo um perfil diferente do anterior, de um site como compromisso com o lazer e a diversão no que diz respeito à participação feminina no esporte.



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima a emergência de dois diferentes tipos de argumentos sobre o perfil do site, no que diz respeito a afirmação da identidade de gênero feminino. Um primeiro argumento, como unanimidade confirmando a possibilidade do site ser um espaço de resistência, que pode vir a potencializar a participação do gênero no mundo esportivo. O segundo argumento, menos incisivo numericamente, mas que declara o perfil do site como um espaço de entretenimento dos tantos disponíveis, percebendo o esporte como mais um objeto de consumo, indiferente da problemática do preconceito machista.

Deste modo pode-se confirmar a primeira hipótese de nosso trabalho “O site como espaço especializado de lutar (contra abusos e agressões) realizadas a partir do preconceito machista” sendo reproduzido pelo sistema patriarcal que impõem regras em relação com as atitudes e atribuições relacionadas as mulheres. Sendo possível compreender que de fato o site auxilia na resistência ao patriarcalismo e ao consequente preconceito machista de nossa

sociedade. Como discutido teoricamente em nosso primeiro capítulo através de (CASTELLS, 2003:169)

Na segunda pergunta realizada neste bloco “Como você vê a motivação para denúncias de abusos e agressões que o site “Dibradoras” busca promover?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistados percebe a motivação para denunciar casos de abusos e agressões ou não. Assim percebemos 72, 7% (264) das mulheres entrevistadas definem que “O site empodera a mulher para denunciar” Apontando para um perfil do site como espaço que efetivamente motiva e empodera a mulher para denunciar abusos e agressões. Entretanto, 24,5% (89) o definem a motivação que o site da para denunciar abusos e agressões como “O site estimula que denunciar é a melhor opção” Definindo uma porcentagem distinta, mas que conversam entre si, destacando o mesmo sentido.

Como você vê a motivação para denúncias de abuso e agressões que o site “Dibradoras” busca promover?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima a emergência de dois diferentes tipos de argumentos sobre o perfil do site, no que diz respeito a motivação para denúncias de abusos e agressões que o site “Dibradoras” busca promover. Um primeiro argumento, como unanimidade confirmando que o site empodera a mulher para denunciar abuso e agressões. O segundo argumento, menos incisivo numericamente, mas que declara que o site estimula que denunciar é a mulher opção.

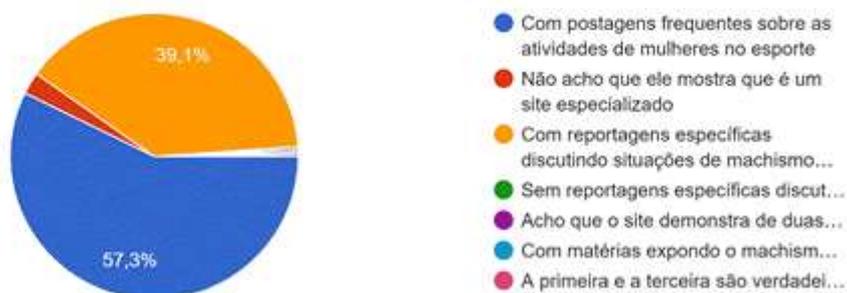
Deste modo pode-se confirmar a primeira hipótese de nosso trabalho “O site como espaço especializado de lutar (contra abusos e agressões) realizadas a partir do preconceito machista”, pois ele é uma ferramenta que estimula as mulheres a denunciarem abusos e agressões advindos de uma sociedade baseada no regime patriarcal que dita regras sociais, principalmente em relação ao gênero feminino, gera o machismo. Sendo possível

compreender que de fato motiva as mulheres a denunciarem esta repressão sofrida por elas. Como discutido teoricamente em nosso primeiro capítulo através de (BOURDIEU, 2002:83)

Já em nossa terceira pergunta deste bloco “Como você acha que o site “Dibradoras” demonstra que é um site especializado na luta contra o machismo?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas percebe que o site demonstra que é especializado na luta contra o machismo ou não, se assim percebessem. Assim, notamos que 57,3% (208) das mulheres entrevistadas, notam que ele demonstra que é um site especializado na luta contra o machismo “Com postagens frequentes sobre as atividades de mulheres no esporte” Apontando para um perfil do site como espaço especializado na luta contra o machismo, pois possui postagens frequentes sobre as atividades da mulher no esporte. Assim percebemos 39,1 (142) entrevistadas definem-o como um site especializado na luta contra o machismo “Com reportagens específicas discutindo situações de machismo e preconceito”. Definindo o mesmo perfil do anterior, de um site que demonstra que é um site especializado com reportagens específicas discutindo situações de machismo e preconceito.

Como você acha que o site "Dibradoras" demonstra que é um site especializado na luta contra o machismo?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima a emergência de dois diferentes tipos de argumentos sobre o perfil do site, no que diz respeito ao site demonstrar que é um site especializado na luta contra o machismo. Um primeiro argumento, demonstrando que o site mostra que é um site especializado na luta contra o machismo com postagens frequentes sobre as atividades da mulher no esporte. O segundo argumento, mesmo que em menor proporção mas afirmando que o site demonstra que é um site especializado na luta contra o machismo com reportagens específicas discutindo situações de machismo e preconceito.

Deste modo pode-se confirmar a primeira hipótese de nosso trabalho “O site como espaço especializado de lutar (contra abusos e agressões) realizadas a partir do preconceito machista”, pois ele é uma especializada na luta contra o machismo que possui postagens frequentes sobre as atividades de mulheres no esporte. Preconceito este, fruto de uma sociedade que se baseia no regime de família patriarcal que tem o pai como unanimidade e que proíbe a mulher de se inserir em algumas áreas. Sendo possível compreender que de fato o site promove a luta contra o machismo em suas publicações. Como discutido teoricamente em nosso primeiro capítulo através de (CISNE E SILVANA, 2018:43)

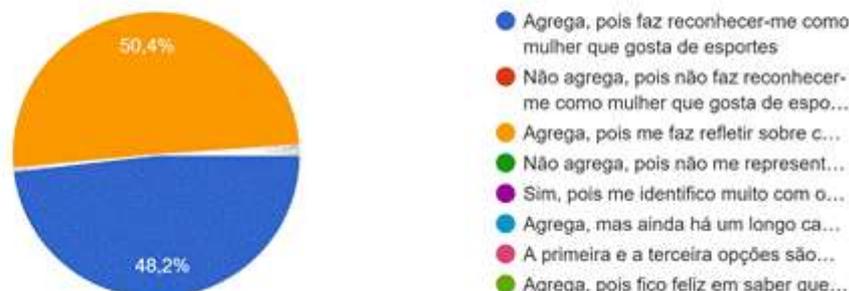
Neste bloco procuramos formular três questões relacionadas com a nossa primeira questão hipotética visando a afirmação da identidade de gênero, ligada com a temática do Site como espaço especializado de lutas (contra abusos e agressões) ao preconceito machista, onde tivemos como unanimidade respostas que provam nossa hipótese de que o Site esportivo “Dibradoras” é um Site de resistência que afirma a identidade de gênero, pois tem o espaço especializado de lutas (contra abusos e agressões) ao preconceito machista.

4.1.2 BLOCO 2- Reconhecimento enquanto mulher

Na primeira pergunta realizada neste bloco “O site agrega quanto a sua identidade feminina”? Buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas percebe o seu reconhecimento enquanto mulher e o que o site agrega a identidade feminina, ou não. Assim percebemos 50,4 (183) das mulheres entrevistadas definem-o como um site que “Agrega, pois me faz refletir sobre como é difícil ser mulher no âmbito esportivo” Apontando para um perfil do site como espaço que efetivamente agrega a identidade feminina, fazendo a mulher refletir como é difícil ser mulher neste ambiente. Entretanto, 48,2% (175) o definem como um site que “Agrega, pois faz reconhecer-me como mulher que gosta de esportes” Definindo o mesmo perfil em relação positiva a identidade feminina.

O site agrega quanto à identidade feminina?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito a identidade feminina. Sendo os dois, constituídos de porcentagens muito próximas. Um primeiro argumento, confirmando a possibilidade de o site agregar a identidade feminina, pois o faz refletir como é difícil ser mulher na área esportiva. O segundo argumento, de que agrega fazendo-as reconhecer-se como mulher que gosta de esportes.

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site afirma do reconhecimento enquanto mulher, sendo possível compreender que de fato o site auxilia a mulher que se reconhece como quem gosta de esportes. Como discutida a afirmação da identidade feminina em nosso primeiro capítulo através de (CASTELLS, 2003:170)

Na segunda pergunta realizada neste bloco “Como é o tratamento do site para mulheres que gostam da área esportiva?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas percebe como é o tratamento do site para mulheres que gostam da área esportiva, Assim percebemos 58,8 (217) das mulheres entrevistadas definem-o como um site que “O site respeita a mulher que gosta de esporte” Apontando para um perfil do site como um site que respeita a mulher que gosta da área esportiva. Entretanto, 38,8% (141) o definem como um site que “Eleva a autoestima das mulheres com sua linguagem feminista”. Definindo respostas que conversam entre si e que percebe-se que o site trata a mulher que gosta da área esportiva com respeito.

Como é o tratamento do site para mulheres que gostam da área esportiva?

363 respostas



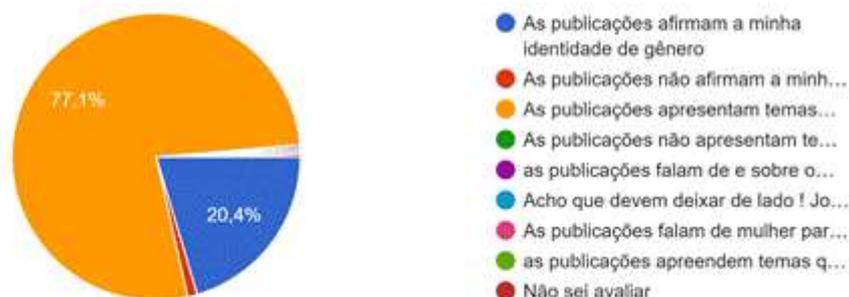
Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito a identidade feminina. Sendo os dois, constituídos de porcentagens distintas. Um primeiro argumento, confirmando que o site trata as mulheres que gostam de esportes com respeito. O segundo argumento, de que o site eleva a autoestima das mulheres com a sua linguagem feminista.

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site afirma do reconhecimento enquanto mulher, sendo possível compreender que de fato o site auxilia mulher que se reconhece como quem gosta de esportes e que luta para que assim a sua identidade seja definida na sociedade através do movimento social feminismo. Como discutida a afirmação da identidade feminina em nosso primeiro capítulo através de (CASTELLS, 2003:230-231).

Na terceira pergunta deste bloco, “Como as publicações efetivam o reconhecimento do gênero feminino?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas percebe como as publicações do site “Dibradoras” efetivam o reconhecimento do gênero feminino. Assim percebemos 77,1% (280) das mulheres entrevistadas definem-o como as publicações como “As publicações apresentam temas atuais que afirmam a minha identidade de gênero” Apontando para um perfil do site como um site que efetiva o reconhecimento do gênero feminino através de publicações atuais que assim o afirmam. Entretanto, 20,4 % (74) o definem que “As publicações do site afirmam a minha identidade de gênero” Definindo respostas positivas referente a efetivação do gênero feminino e que conversam entre si.

Como as publicações efetivam o reconhecimento do gênero feminino?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois tipos de argumentos sobre as publicações de o site efetivarem o reconhecimento do gênero feminino. Um primeiro argumento, como unanimidade confirmando que as publicações do site efetivam o reconhecimento do gênero feminino através dos temas atuais que afirmam a identidade de gênero feminino. O segundo argumento, menos incisivo numericamente, mas que declara que as publicações afirmam a identidade do gênero feminino.

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site afirma do reconhecimento enquanto mulher. Sendo possível compreender que as publicações do site fazem as mulheres se reconhecerem e afirmarem a sua identidade feminina como mulher esportiva. Como discutida a afirmação da identidade feminina através do feminismo que luta pela consolidação da mulher na sociedade e para que ela não seja mais vista somente na posição de doméstica e reprodutora através de (BEAVOUIR, 1967: 165)

Neste bloco procuramos formular três questões também relacionadas com a nossa primeira questão hipotética visando à afirmação da identidade de gênero ligada com o reconhecimento enquanto mulher, onde tivemos como unanimidade respostas que provam nossa hipótese que o Site “Dibradoras” é uma mídia de resistência ao preconceito machista que afirma a identidade de gênero e o reconhecimento enquanto mulher que gosta de esporte.

4.1.3.BLOCO 3 -Indagação quanto a falta de patrocínio, a falta de estímulo e desigualdade salarial via campanhas/reuniões

Na primeira pergunta realizada neste bloco “Para você qual é o principal foco das publicações do site “Dibradoras? Buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas

percebe o foco das publicações do site. Assim percebemos 66,1% (240) das mulheres entrevistadas definem-o como um site que “Ajuda a valorização da mulher” Apontando para um perfil do site com espaço que ajuda a valorização da mulher. Entretanto, 28,9% (105) o definem como um site que tem o foco de “Incentivar as profissionais a seguirem nesse âmbito” Definindo o mesmo perfil em relação positiva ao foco das publicações do site “Dibradoras”

Para você qual é o principal foco das publicações do site “Dibradoras”?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito ao foco das publicações do site. Sendo os dois, constituídos de porcentagens distintas, mas com resultados positivos no que diz respeito ao principal foco das publicações do site. Um primeiro argumento, confirmando o principal foco das publicações do site, pois elas ajudam na valorização da mulher. O segundo argumento, de que incentiva as mulheres a continuarem nesse âmbito.

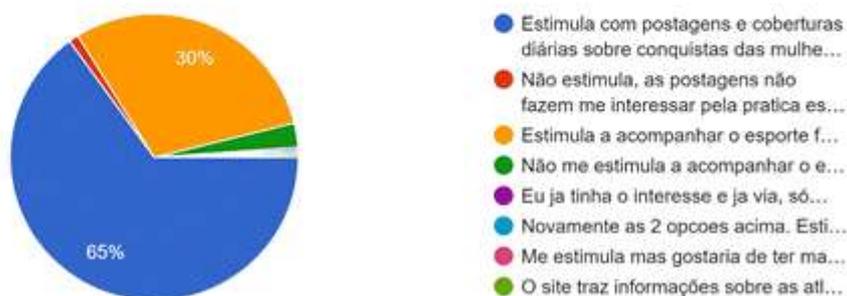
Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site promove a visibilidade a atletas e jornalistas e na Indagação quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões. Ajudando a valorizar as mulheres que estão nesta área e que sofrem com a falta de visibilidade midiática e a falta de campeonatos, indagando a falta de patrocínio ainda encontrando nos dias atuais. Como discutida a falta de visibilidade da mulher no esporte a partir de (GOELLNER, 2005:86)

Na segunda pergunta deste bloco “O site estimula você a acompanhar o esporte feminino?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas se sente estimulada a acompanhar o esporte feminino através do site. Assim percebemos 65% (240) das mulheres entrevistadas definem-o que sente estimuladas a acompanhar o esporte feminino pois o site

“Estimula com postagens e coberturas diárias sobre conquistas das mulheres”. Apontando para um perfil do site com estimulação para acompanhar o esporte feminino através de postagens e coberturas diárias sobre conquistas das mulheres. Entretanto, 30,9% (105) o definem como um site que “Estimula a acompanhar o esporte feminino”. Definindo o mesmo perfil em relação positiva a estimulação que o site promove para o acompanhamento do esporte feminino.

O site estimula você a acompanhar o esporte feminino?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito a estimulação do site para acompanhar o esporte feminino . Sendo os dois, constituídos de porcentagens distintas mas com resultados positivos que conversam entre si. Um primeiro argumento, confirmando que o site estimula a acompanhar o esporte feminino através de postagens e coberturas diárias sobre conquistas das mulheres. O segundo argumento, de que ele promove a estimulação para acompanhar o esporte feminino somente.

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site promove a Indagação quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo, desigualdade salarial via campanhas/reuniões. Ajudando a valorizar as mulheres que estão nesta área, dando visibilidade e fazendo com que o esporte feminino seja mais reconhecido e que tenha mais audiência. Como discutida a falta de visibilidade da mulher e audiência a partir de (BAGATINI, 2018:4)

Na terceira pergunta deste bloco “Qual a sua opinião sobre campanhas e eventos que o site “Dibradoras promovem?” buscou entender qual a opinião das entrevistas referente a campanhas e eventos que o site promove. Assim percebemos 49,6% (236) das mulheres entrevistadas definem “As campanhas colaboram para a obtenção de patrocínio”. Apontando

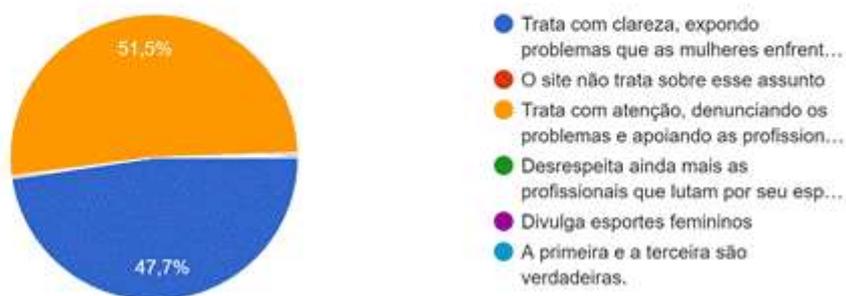
Resistência ao Preconceito Machista que dá Visibilidade a atletas e jornalistas e ainda Indaga quanto a falta de patrocínio, falta de estímulo e desigualdade salarial via campanhas/reuniões.

4.1.4. BLOCO 4- Visibilidade contra opressão

Na primeira pergunta realizada neste bloco “Como o site trata a opressão profissional que as mulheres sofrem?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas percebe o tratamento das publicações referente a opressão profissional que as mulheres sofrem. Assim percebemos 51,5 (187) das mulheres entrevistadas percebem- o como um site que trata com atenção, denunciando os problemas e apoiando as profissionais. Entretanto, 47,7% (173) o definem como um site que “Trata a opressão profissional com clareza, expondo os problemas que as mulheres enfrentam”.

Como o site trata a opressão profissional que as mulheres sofrem?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito ao tratamento que o site dá, referente a opressão profissional que as mulheres sofrem. Sendo os dois, constituídos de porcentagens distintas, mas com resultados positivos e semelhantes no que diz respeito ao tratamento que o site reserva para a opressão profissional que as mulheres sofrem. Um primeiro argumento é que o site trata com atenção denunciando os problemas e apoiando as profissionais. O segundo argumento, que o site trata com clareza a opressão profissional, tratando com clareza expondo problemas que as mulheres enfrentam.

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site promove a visibilidade contra a opressão profissional e promove a visibilidade a atletas e jornalistas. Ajudando a valorizar as mulheres que estão nesta área e que sofrem opressão profissional, ainda

destacando e dando visibilidade as mulheres que trabalham no jornalismo esportivo e as atletas. Como discutida a falta de visibilidade e a opressão profissional que elas sofrem através de (BAGATINI, 2018)

Na segunda pergunta realizada neste bloco “Como você define a visibilidade a atletas e jornalistas que o site “Dibradoras” pretende dar?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas define a visibilidade que o site pretende dar as mulheres esportivas. Assim percebemos 90,4 (328) das mulheres entrevistadas definem que o site promove a visibilidade, pois “Reforça a visibilidade que as outras mídias não dão”. Entretanto, 10,6% (27) definem que o site “Estimula as mulheres optarem pelo jornalismo esportivo”.

Como você define a visibilidade a atletas e jornalistas que o site “Dibradoras” pretende dar?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito à visibilidade a atletas e jornalistas que site pretende dar. Sendo os dois, constituídos de porcentagens distintas, mas com resultados positivos e semelhantes no que diz respeito à oportunidade de visibilidade que o site pretender dar. Um primeiro argumento é que as entrevistadas definem a visibilidade a atletas e jornalistas que o site pretender dar, pois, reforça a visibilidade que as outras mídias não dão. O segundo argumento, é que elas definem que o site “Estimula as mulheres a optarem pelo jornalismo esportivo”.

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site promove a visibilidade contra a opressão profissional. Ajudando a incentivar as profissionais que se encontram na área esportiva, e ainda fazendo com que as profissionais se consolidem nessa área, que ainda encontra a mulher como minoria. Como discutida a falta de mulheres no esporte e no jornalismo esportivo através de (BAGATINI, 2018)

Como terceira e última pergunta de nossa pesquisa, elaboramos “Você acha que o site dá apoio necessário para as jornalistas esportivas?” buscou entender de que maneira o conjunto de entrevistadas define o apoio necessário para as jornalistas esportivas. Assim percebemos 58,4% (212) define que “Sim, pois ele divulga e tematiza assuntos da área esportiva que envolvem jornalistas”. Entretanto, 39,7% (144) definem que “Sim, ele permite a interação entre as mulheres em assuntos esportivos”.

Você acha que o site dá o apoio necessário para as jornalistas esportivas?

363 respostas



Obtivemos, portanto a partir dos dados acima dois fatores que se relacionam entre si no que diz respeito ao apoio necessário para as jornalistas esportivas. Sendo os dois, constituídos de porcentagens distintas, mas com resultados positivos e semelhantes no que diz respeito ao apoio que o site proporciona para jornalistas esportivas. Um primeiro argumento é que as entrevistadas definem o apoio necessário para jornalistas “Sim, pois ele divulga e tematiza assuntos da área esportiva que envolve jornalistas”. O segundo argumento, é que elas definem que o site dá apoio “Sim, pois ele permite a interação entre as mulheres em assuntos esportivos”

Deste modo, pode-se confirmar a nossa hipótese de que o site promove a visibilidade contra a opressão profissional. Ajudando a incentivar as profissionais que se encontram na área esportiva, e ainda fazendo com que as profissionais se consolidem nessa área, que ainda encontra a mulher como minoria, como em mesas redondas e pautas de maiores abrangências e prestígio. Como discutida a falta de mulheres no esporte e no jornalismo esportivo e a sua inserção através de (BAGATINI, 2018).

Neste bloco procuramos formular três questões relacionadas com a nossa segunda questão hipotética visando a afirmação da identidade de gênero, ligada com a temática do Site como espaço especializado de lutas (contra abusos e agressões) ao Preconceito Machista, onde

tivemos como unanimidade questões que provam nossa hipótese de que o site esportivo “Dibradoras” é um site de resistência de Gênero que proporciona a visibilidade a atletas e jornalistas e também visibilidade contra a opressão profissional

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nosso problema de pesquisa buscou responder “Como o site “Dibradoras” constrói a resistência midiática?” Onde contextualizamos e buscamos entender como se constrói e se reproduz o preconceito machista e como o site pode ser uma ferramenta que promove resistência a esse preconceito.

Através deste problema construímos duas hipóteses, uma em cada capítulo deste trabalho. Constituindo da “Afirmção da identidade de gênero feminino” que está relacionada em nosso primeiro capítulo. Já a segunda relacionada em nosso segundo capítulo “Visibilidade a atletas e jornalistas”.

Para explicarmos as nossas discussões hipotéticas, usamos a pesquisa bibliográfica, como forma de discutirmos e expormos acontecimentos históricos relacionados com o preconceito machista, patriarcalismo e o movimento feminista e a pesquisa qualitativa através de um formulário google docs.

Em relação a nossa hipótese “Afirmção da identidade de gênero feminino” do primeiro capítulo obtivemos as seguintes descobertas:

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA:

- Descobrimos como funciona a construção do preconceito machista, que é reproduzido através do modelo de família patriarcal, impondo regras ditando normas e padrões referente ao que é ser mulher segundo esse sistema.

- Descobrimos que existem sites que fazem contraponto ao preconceito machista, que se reproduz também a partir de uma sociedade patriarcal, onde tem o pai como soberano, buscando tornar a mulher submissa, gerando conseqüentemente uma divisão sexual do trabalho que impacta nas formas de casamento. Descobrimos a dinâmica de resistência da identidade de gênero a partir das lutas e conquistas que o movimento feminista proporciona para as mulheres e que desde a sua inserção vem gerando direitos e posições de destaque as mulheres.

PESQUISA COM QUESTIONÁRIO:

- Descobrimos a existência de sites que fazem contraponto ao preconceito machista, com postagens frequentes sobre as atividades de mulheres no esporte, em especial o site “Dibradoras” que se faz imposição a esse preconceito e tenta a cada dia quebrar mitos e derrubar as barreiras que as mulheres ainda encontram na área esportiva.
- Descobrimos que este site afirma a identidade feminina esportista, permitindo a reflexão de como é difícil ser mulher na área esportiva rodeada de preconceito machista que oprime e reprime as mulheres nesta área.

Em relação a segunda hipótese fizemos as seguintes descobertas:

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

- Descobrimos os desafios para a promoção da visibilidade através dos estereótipos e machismo no esporte, pois as mulheres eram impedidas por ler da prática esportiva e ainda tinham a educação física como divisor de meninos e meninas, causando reflexos de invisibilidade.
- Descobrimos a problemática da falta de patrocínio, que se constitui através da baixa visibilidade midiática, pois a mídia promove pouca cobertura esportiva de competições femininas, o que conseqüentemente gera poucos espaços para as mulheres esportivas.
- Descobrimos a necessidade de espaços de denúncia, pois esses geram a oportunidade de visibilidade, e o espaço que as mulheres não possuem e que lutam para adquirirem. E dos abusos e agressões que as mulheres jornalistas sofrem numa editorial que tem a hegemonia masculina, além dos julgamentos de que esta área é reservada ao homem e que as masculinizam quando inseridas.

PESQUISA COM QUESTIONARIO

- Descobrimos que há sites que promove a visibilidade para mulheres esportistas reforçando a visibilidade que as outras mídias não dão. Sendo essencial para que as mulheres tenham êxito e destaque nesta área.

- Descobrimos a possibilidade de um site indagar a falta de patrocínio através de campanhas que vem colaborando para a redução da desigualdade salarial das profissionais.
- Descobrimos a possibilidade de um site promover a denúncia de abusos e agressões, pois trata com atenção denunciando os problemas e apoiando as profissionais.
- Descobrimos como o site pode dar apoio para jornalistas esportivas, divulgando e tematizando assuntos da área esportiva que envolvem as jornalistas.

Portando, este trabalho tem como possível contribuição para a academia tratar um tema que está em evidência social, mas que ainda é pouco trabalhado bibliograficamente, pois o preconceito machista e todos os estereótipos que envolvem as mulheres na área esportiva ainda carecem de mais pesquisas e análises. Podendo também e gerar novas possibilidades de análises e pesquisas para outros acadêmicos. Também tem a relevância social e acadêmica de tentar desfazer velhos conceitos e preconceitos que são gerados na nossa sociedade, a partir do preconceito machista e de todos os aspectos que permeiam este preconceito.

Deste modo, poderá ser desenvolvido um estudo mais abrangente sobre o machismo. Também uma pesquisa de recepção relacionando se as mídias tradicionais estão se propondo a noticiar e a cobrir mais as competições femininas, dando possibilidades e alternativas para que assim consigam. Em relação ao tratamento que a mídia deverá dar a mulher, pode-se construir um manual de tratamento da mulher no esporte e de todos os impasses que elas enfrentam em entrevistas e programações. Pode se pesquisar quais sites promovem a visibilidade de tentam quebrarem o preconceito machista na área esportiva.

Consideremos então que este trabalho teve o intuito de debater o preconceito machista e sua forte inserção na sociedade, buscando demonstrar o impacto que ele causa, e assim suas possíveis formas de resistência a esse sistema que oprime, denigre e que força a mulher viver sobre uma submissão. Sendo o feminismo como um movimento social que busca a igualdade e a afirmação da mulher na sociedade para que ela seja independente, livre, dona de si e do seu corpo, dona do seu pensamento e do seu direito de não procriar. Este trabalho também teve o intuito de enfatizar que a mulher no esporte, mesmo que com grandes preconceitos e julgamentos ela pode se apoiar em sites de resistência como o “Dibradoras” e continuar a sua batalha por sua consolidação no esporte.

REFERÊNCIAS

BAGATINI, Olga. **Mini Manual do Jornalismo Humanizado**. Parte VIII – Jornalismo esportivo. 2018. Disponível em: < https://think-olga.s3.amazonaws.com/pdf/minimanual_parte7_V4.pdf> Acesso em: 11 de setembro de 2018.

BAGATINI, Olga. **As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo**. Disponível em: <<https://thinkolga.com/2018/06/28/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo> > Acesso em: 10 de outubro de 2018.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2ª edição, Rio de Janeiro. 2002.

BEAUVOUR, Simone. **O segundo Sexo**. 2ª edição. 1967. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

CASTELANI, Filho. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 1ª edição. São Paulo: 2010.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Publicado originalmente em 1942.

CISNE, Mirla E SILVANA, Santos. **Feminismo Diversidade sexual e Serviço social**. 1ª edição. São Paulo: Cortez. 2018.

DIBRADORAS. **O site esportivo Dibradoras**. São Paulo, 2015. Disponível em <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/> Acesso em: 15 de Agosto de 2017.

FEDERICI, Silva. **O calibã e a Bruxa**. 1ª edição. São Paulo: Elefante. 2004.

GOELLNER, Silvana. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo; 2005. v. 19, n. 2. Disponível em <http://esportes.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/281/mulheres-e-futebol-no-brasil.pdf> Acesso em: 26 de agosto de 2017.

GOELLNER, Silvana. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. **Pensar a Prática** 8/1: 85-100, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <

<https://www.revistas.ufg.br/feef/article/viewFile/106/101?journal=feef>> Acesso em: 4 de outubro de 2018.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina, de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atleas. 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência 1ª edição. São Paulo: Expressão popular. 2004**

SOUZA, Juliana. E KNIJINIK, Jorge. **Gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/330023005/A-Mulher-Invisivel-Genero-e-Esporte>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

TEROSSI, Maria Beatriz, D'ANGELO, Adriana Paula, STILLI, Daniela. **Futebol e gênero: a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres**. Anuário da Produção Acadêmica Docente • Vol. III, Nº. 4, Ano 2009 • p. 131-146. Disponível em < <http://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/1330/1/Artigo%208.pdf>> Acesso em: 15 de outubro de 2018.

TRAINA, Agma, TRAINA, Caetano. **Como fazer pesquisa bibliográfica**. Volume 2 - Número 2 - Agosto 2009. Disponível em: https://homepages.dcc.ufmg.br/~mirella/DCC851/Exemplos%20Artigos/_comoFazerPesquisasBibliograficas.pdf Acesso em: 15 de outubro de 2018.